

# **Casa das Gerações**

## **Requalificação do Casario do Largo do Chafariz**

**Cristiana Azevedo Melchior**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em  
**Arquitetura**  
(ciclo de estudos integrado)

Orientador: Prof. Doutor Luís Miguel de Barros Moreira Pinto

**junho de 2020**



## Dedicatória

Aos meus pais e ao meu irmão que acompanharam este percurso do início ao fim, que assistiram às minhas alegrias, conquistas e também incertezas e me ajudaram a concluir mais uma etapa de toda uma realização de um sonho com o seu apoio, amor, conselhos e sacrifícios. Abençoada por vos ter comigo.

Aos meus avós que sempre demonstraram o seu orgulho na primeira neta, que sempre me fizeram sentir capaz de conseguir tudo o que ambicionava e que me levam como um exemplo a todos. Vou sempre amar-vos.

“Ali ficou tua pegada  
impressa, firme, sobre o chão.  
Ninguém a vê sob o montão  
de cinza fria e poeirada?  
Distingue-a, sim, teu coração.”

Saúl Dias



## Agradecimentos

Esta dissertação é dedicada a todos aqueles que contribuíram para a escolha do tema, elaboração e conclusão deste trabalho e que, de alguma forma, me ajudaram a superar esta etapa da minha vida. Para todos os que me ofereceram oportunidades de aprender e viver experiências importantes para o meu enriquecimento pessoal e para a formação da pessoa que sou hoje, todas as vitórias e alegrias, mas também percalços e momentos mais tristes.

Agradeço a Deus, acima de tudo, pela sua presença constante, por me ter permitido realizar tantos sonhos ao longo da vida, pela força e amor que sempre me deu e por sempre me atender.

À Ana Cláudia, ao João, à Ana Luísa, que sempre se aprestaram a ajudar-me e são o meu exemplo de amizade verdadeira. Ao Ricardo que foi imprescindível, nestes últimos meses, em todos os aspetos da minha vida.

Aos meus colegas de curso que se tornaram também meus amigos, pelos momentos que partilhámos nestes últimos anos, pelas lições que me ensinaram e aprendemos juntos, pela felicidade que me trouxeram tantas vezes e que me fizeram querer continuar no curso que nos juntou.

À dona Teresinha pela disponibilidade e pelas histórias dos tempos passados que nenhum livro ou documento me poderia contar.

Agradeço ao Professor Luís Miguel de Barros Moreira Pinto, meu orientador, pelas suas indicações, ajuda, compreensão e disponibilidade ao longo destes meses de trabalho, para além das histórias e partilhas de conhecimento, tão importantes.

A todos os professores que fizeram parte do meu percurso escolar desde o seu início, que sempre acreditaram no meu potencial e me incentivaram a fazer mais e melhor e que eu nunca esquecerei.

A todos eles, o meu mais sincero obrigada.



## Resumo

O conceito de passado pode ser definido como algo que já existiu, que não volta a acontecer e que não se altera. O conhecimento deste passado pode ser transmitido através de diversas formas como as memórias das pessoas que o viveram ou fragmentos que nos foram deixados e que nos trazem imagens visuais e consciência sobre as vivências da altura. A arquitetura deixou-nos diversos vestígios passados, alguns mesmo que resistem até aos dias de hoje.

Pêro Viseu, uma aldeia com uma pegada romana muito intensa, é das mais antigas do concelho do Fundão, sendo assim uma aldeia com muitos anos e marcas históricas, das quais, arquitetónicas. O centro da aldeia surgiu e manteve-se no agora chamado Largo do Chafariz no qual se destaca uma construção imponente, composta por edifícios que serviram diversas funções ao longo dos tempos, apesar de estarem abandonados há vários anos. Quando em funcionamento, os edifícios no largo atraíam muitos habitantes e também visitantes que, agora, esqueceram o local e, de certa forma, o coração da aldeia.

Assim, e para contrariar esta tendência de abandono, a proposta de projeto em causa pretende requalificar este conjunto edificado, criando um espaço mais aberto, definindo melhor o largo onde se insere e tornando-se mais convidativo à população, que pensa simultaneamente nos serviços em falta na aldeia, assim como na necessidade de conforto e do bem-estar do Homem no espaço urbano consolidado.

Este trabalho pretende, no geral, dar a conhecer a importância da reabilitação dos centros urbanos, independentemente do seu destaque patrimonial e histórico, para as comunidades, e também apresentar a conceção de que, com o projeto concreto em estudo, podem surgir novas funções, estilos de vida e dar-se um maior destaque à aldeia de Pêro Viseu que representa tantas mais aldeias, da Beira Baixa e de todo o país.

## Palavras-chave

PêroViseu;RequalificaçãoArquitetónica;ArquiteturaIntergeracional;EspaçoPúblico;PontoDeEncontro;LugaresDeMemória.



## **Abstract**

The concept of past can be defined as something that already existed and will never happen again and something that does not change. The knowledge about this past can be transmitted by several ways, as the memories of the people who lived it or fragments left to us that brings us visual images and understanding about the experiences at the time. The architecture left us several remains from the past, some of them resisting until today.

Pêro Viseu, a village with a very strong roman footprint, is one of the oldest of the Fundão's municipality, being so a village with many years and many historical marks, of which, architectural. The village's center emerged and lived in the called Largo do Chafariz. On this square, an imponent construction stands out, composed by some buildings that had different functions over time, even though being abandoned for several years. When functioning, the buildings and the services in the square used to attract a lot of -residents and also visitors who now forgot about the place and, in a way, the village's heart.

This way, and to counter this abandonment trend, the project proposal at hand, intends to rehabilitate this built whole, creating a more open space, better defining the main square and being more inviting to the population, that simultaneously thinks about the missing services in the village, as well as the necessity for comfort and well-being of the Man in the consolidated urban space.

## **Keywords**

PêroViseu;ArchitecturalRequalification;IntergenerationalArchitecture;PublicSpace;MeetingPoint;SitesOfMemory.



# Índice

Lista de Figuras	xiv
Lista de Tabelas	xviii
Lista de Acrónimos	xx
Capítulo 1 - Introdução	1
1.1 Justificação da Proposta	1
1.2 Objetivos	2
1.3 Metodologias	3
1.4 Estrutura do Trabalho	3
Capítulo 2 - O Resgate do Passado: História, Memória e Património	
2.1 A Relação Entre História e Memória	5
2.2 Conceito e Classificação de Património	6
2.3 A criação de Lugares de Memória	7
2.3.1 Teoria dos Lugares de Memória	10
Capítulo 3 - O Lugar: O Largo do Chafariz	
3.1 A Aldeia de Pêro Viseu	
3.1.1 Localização Geográfica	13
3.1.2 Contexto Histórico	14
3.1.3 Contexto Cultural	15
3.2 O Largo do Chafariz	
3.2.1 Enquadramento Histórico	16
3.2.2 Morfologia Urbana	17
3.2.3 O Casario	18
Capítulo 4 - Reabilitação / Requalificação Urbana	
4.1 Princípios de Requalificação	
4.1.1 Definições do Conceito	19
4.1.2 Vantagens da Requalificação	22
4.2 Soluções de Requalificação Arquitetónica	23
4.2.1 Elementos Construtivos Relevantes	24
4.3 Sustentabilidade na Requalificação	25
Capítulo 5 - O Espaço Intergeracional	
5.1 Conceito de Intergeracionalidade	29
5.2 O Espaço Pensado para Todos	33
Capítulo 6 - Casos de Estudo	35

6.1 Salão Comunitário em Lungiarü	35
6.2 NuMOAS	37
6.3 Casa Rural em Espiunca - Casa do Paúl	38
Capítulo 7 - Proposta: A Casa das Gerações	
7.1 A Situação Atual	
7.1.1 O Problema e Necessidades Existentes	41
7.1.2 Estado e Funções Atuais do Edificado	42
7.2 A Proposta – Abordagem Geral	
7.2.1 Testemunhos, Opiniões e Sugestões da População	44
7.2.2 Modelo Universal para Aldeias do Concelho	45
7.3 A Proposta – Caso Específico	50
7.3.1 Área Construída – Programa e Funcionalidade	53
7.3.2 Área Construída – Aspetos Construtivos	54
7.3.3 Área Exterior – Programa e Funcionalidade	56
7.3.4 Área Exterior – Aspetos Construtivos	59
7.3.5 Aplicação de Estratégias Sustentáveis	60
Capítulo 8 - Conclusão	65
Referências Bibliográficas	67
Anexos	71



## Lista de Figuras

Figura 1 – Esquema do surgimento do lugar de memória.

[Fonte: Esquema elaborado pela autora]

Figura 2 - Localização de Pêro Viseu no mapa do concelho do Fundão.

[Fonte: <https://demos.dfr.pt/modulos/mapa/freguesias/castelo-branco/fundao.php?f=21> ; Edição elaborada pela autora]

Figura 3- Vista aérea da aldeia de Pêro Viseu

[Fonte: <http://portugalfotografiaaerea.blogspot.com/2018/02/pero-viseu.html>]

Figura 4 - Exemplos de vestígios romanos presentes na aldeia

[Fonte (a): <https://www.guiadacidade.pt/pt/destino/poigf/15029~>]

[Fonte (b): <https://arqueofundao.blogspot.com/2013/04/castro-de-vale-feitoso-peroviseu.html>]

[Fonte (c): <https://arqueofundao.blogspot.com/2013/03/terminus-augustalis.html>]

Figura 5 – Exemplos de espaços verdes de Pêro Viseu.

[Fonte (a): Fotografia pela autora]

[Fonte (b), (c): <https://www.facebook.com/jfperoviseu/>]

Figura 6 – Edifícios que compõem o Largo do Chafariz

[Fonte: Fotografias pela autora]

Figura 7 - Localização do Largo do Chafariz com edifícios em utilização.

[Fonte: Imagens retiradas do Google Earth ; Edições elaboradas pela autora]

Figura 8 - Casario em estudo para intervenção.

[Fonte (a): Imagem retirada do Google Earth ; Edições elaboradas pela autora]

[Fonte (b), (c), (d), (e): Fotografias pela autora]

Figura 9 - Esquemas comparativos relativos à esperança média de vida e idade média da população portuguesa nos anos 2008 e 2018.

[Fonte: <https://www.publico.pt/2019/06/14/sociedade/noticia/portugal-perdeu-144-mil-habitantes-ano-passado-1876399>]

Figura 10 - Esquema relativo à proporção de idosos por jovens em Portugal.

[Fonte: <https://www.publico.pt/2017/03/29/sociedade/noticia/portugal-estara-reduzido-a-75-milhoes-de-pessoas-em-2080-1766915>]

Figura 11 – Resultados obtidos do questionário relativamente à convivência entre jovens e idosos.

[Fonte: Adaptado de (Rodrigues, 2014)]

Figura 12 – Salão Comunitário em Lungiarü: Relação com o existente.

[Fonte (a): [https://www.archdaily.com.br/br/931062/salao-comunitario-lungiaru-sirs/5dd285ff3312fd80980000e6-community-hall-lungiaru-sirs-image?next\\_project=yes](https://www.archdaily.com.br/br/931062/salao-comunitario-lungiaru-sirs/5dd285ff3312fd80980000e6-community-hall-lungiaru-sirs-image?next_project=yes)]

[Fonte (b): <https://io.wp.com/www10.aecafe.com/blogs/arch-showcase/files/2019/12/03-SIRS-Lungiaru-4-outline-project.jpg?ssl=1>]

Figura 13 - Salão Comunitário em Lungiarü: Antes e depois da intervenção.

[Fonte (a): Imagem retirada do Google Earth]

[Fonte (b): [https://www.archdaily.com.br/br/931062/salao-comunitario-lungiaru-sirs/5dd286f93312fd80980000ed-community-hall-lungiaru-sirs-image?next\\_project=yes](https://www.archdaily.com.br/br/931062/salao-comunitario-lungiaru-sirs/5dd286f93312fd80980000ed-community-hall-lungiaru-sirs-image?next_project=yes)]

Figura 14 - NuMOAS: Vistas exteriores e interiores.

[Fonte 1: Imagem retirada do Google Earth]

[Fonte 2: <https://www.facebook.com/Numoas-N%C3%BAcleo-Museol%C3%B3gico-e-Oficina-de-Artesanato-da-Sert%C3%A3-1342782935834391/>]

Figura 15 - NuMOAS: Atividades intergeracionais realizadas.

[Fonte: <https://www.facebook.com/Numoas-N%C3%BAcleo-Museol%C3%B3gico-e-Oficina-de-Artesanato-da-Sert%C3%A3-1342782935834391/>]

Figura 16 - Casa Rural em Espiunca: Vistas Exteriores.

[Fonte (a): [http://www.abprojectos.pt/ver\\_projectos.php?recordID=47](http://www.abprojectos.pt/ver_projectos.php?recordID=47)]

[Fonte (b): <http://www.arouceopark.pt/pt/explorar/onde-dormir/casa-do-paul/> ; Edição elaborada pela autora]

[Fonte (c): <http://www.arouceopark.pt/pt/explorar/onde-dormir/casa-do-paul/>]

Figura 17 - Casa Rural em Espiunca: Relação antigo/novo.

[Fonte (a): [https://www.archdaily.com.br/br/782533/reabilitacao-de-casa-rural-em-espiunca-abprojectos/56cb72a9e58ece8f810001dc-reabilitacao-de-casa-rural-em-espiunca-abprojectos-foto?next\\_project=no](https://www.archdaily.com.br/br/782533/reabilitacao-de-casa-rural-em-espiunca-abprojectos/56cb72a9e58ece8f810001dc-reabilitacao-de-casa-rural-em-espiunca-abprojectos-foto?next_project=no)]

[Fonte (b): [https://www.archdaily.com.br/br/782533/reabilitacao-de-casa-rural-em-espiunca-abprojectos/56cb71ffe58ece8f810001d6-reabilitacao-de-casa-rural-em-espiunca-abprojectos-planta-baixa?next\\_project=no](https://www.archdaily.com.br/br/782533/reabilitacao-de-casa-rural-em-espiunca-abprojectos/56cb71ffe58ece8f810001d6-reabilitacao-de-casa-rural-em-espiunca-abprojectos-planta-baixa?next_project=no) ; Edição elaborada pela autora]

Figura 18 - Casa Rural em Espiunca: Relação interior/exterior.

[Fonte (a): [http://www.abprojectos.pt/ver\\_projectos.php?recordID=47](http://www.abprojectos.pt/ver_projectos.php?recordID=47)]

[Fonte (b): [https://www.archdaily.com.br/br/782533/reabilitacao-de-casa-rural-em-espiunca-abprojectos/56cb71e3e58ece8f810001d5-reabilitacao-de-casa-rural-em-espiunca-abprojectos-foto?next\\_project=yes](https://www.archdaily.com.br/br/782533/reabilitacao-de-casa-rural-em-espiunca-abprojectos/56cb71e3e58ece8f810001d5-reabilitacao-de-casa-rural-em-espiunca-abprojectos-foto?next_project=yes)]

[Fonte (c): [https://www.archdaily.com.br/br/782533/reabilitacao-de-casa-rural-em-espiunca-abprojectos/56cb7381e58ece8f810001e2-reabilitacao-de-casa-rural-em-espiunca-abprojectos-foto?next\\_project=yes](https://www.archdaily.com.br/br/782533/reabilitacao-de-casa-rural-em-espiunca-abprojectos/56cb7381e58ece8f810001e2-reabilitacao-de-casa-rural-em-espiunca-abprojectos-foto?next_project=yes)]

Figura 19 - Mapa de zonas verdes de Pêro Viseu.

[Fonte: Imagem retirada do Google Earth ; Edição elaborada pela autora]

Figura 20 - Esquícios da intenção de um espaço com elementos verdes no centro urbano na intervenção.

[Fonte: Esquícios elaborados pela autora]

Figura 21 - Fotografias do exterior do casario.

[Fonte: Fotografias pela autora]

Figura 22 - Fotografias do interior do edifício de pedra que compõe o casario.

[Fonte: Fotografias pela autora]

Figura 23 - Esquema do antes e depois da composição do espaço do casario.

[Fonte: Imagens retiradas do Google Earth ; Edições elaboradas pela autora]

Figura 24 - Corte esquemático das zonas principais da proposta.

[Fonte: Desenho elaborado pela autora]

Figura 25 - Construção em CLT: (a) Exemplo de estrutura completa feita em CLT numa escola na Finlândia; (b) Parede CLT em corte.

[Fonte (a): [https://www.archdaily.com/904178/timber-school-in-kuhmo-alt-architects-plus-architecture-office-karsikas?ad\\_source=search&ad\\_medium=search\\_result\\_all](https://www.archdaily.com/904178/timber-school-in-kuhmo-alt-architects-plus-architecture-office-karsikas?ad_source=search&ad_medium=search_result_all)]

[Fonte (b): <https://www.archdaily.com.br/br/763898/cross-laminated-timber-cottage-kariouk-associates>]

Figura 26 - Exemplo de canteiros na fachada.

[Fonte: <http://www.woha.net/#Crowne-Plaza-Changi-Airport>]

Figura 27 - Composição de telhas solares.

[Fonte: <https://www.inventsrl.it/en/techtile-smart-photovoltaic-system/>]

Figura 28 - Composição das novas zonas exteriores propostas.

[Fonte: Desenho elaborado pela autora]

Figura 29 - Representações 3D das novas zonas exteriores propostas.

[Fonte: *Renders* elaborados pela autora]

Figura 30 - Representações 3D das intervenções ao Largo do Chafariz.

[Fonte: *Renders* elaborados pela autora]

Figura 31 - Esquema gráfico do consumo de energia (GJ/m<sup>2</sup>) da produção de diferentes métodos construtivos.

[Fonte: <https://www.archdaily.com/922980/is-cross-laminated-timber-clt-the-concrete-of-the-future>]



## **Lista de Tabelas**

Tabela 1 – Resultados obtidos do questionário relativamente às atividades que reúnem jovens e idosos.

[Fonte: Adaptado de (Rodrigues, 2014)]

Tabela 2 - Resultados obtidos do questionário relativamente às relações entre jovens e idosos. [Fonte: Adaptado de (Rodrigues, 2014)]



## Lista de Acrónimos

ATL	Atividades de Tempos Livres
ANT	<i>Actor-Network Theory</i>
FEUP	Faculdade de Engenharias da Universidade do Porto
RGEU	Regulamento Geral das Edificações Urbanas
CMMAD	Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento
INE	Instituto Nacional de Estatística
NuMOAS	Núcleo Museológico e Oficina de Artesanato da Sertã
AproSer	Associação de Produtores do Concelho da Sertã
CLT	<i>Cross Laminated Timber</i>
BIPV	<i>Building-Integrated Photovoltaics</i>
GJ	Gigajoule



# Capítulo 1

## Introdução

As malhas urbanas estão a mudar, com a constante construção que se verifica e que começa a massificar as áreas contíguas aos centros urbanos e leva ao abandono dos núcleos históricos das cidades e aldeias, onde sobrevivem apenas as pessoas mais idosas. Deste fenómeno vem, conseqüentemente, a falta de investimento económico e interesse imobiliário e turístico, que leva à degradação dos edificados e espaços urbanos e ao declínio da zona, formando-se um ciclo negativo.

São assim necessárias estratégias de intervenção urbanas que incentivem a manutenção e requalificação dos centros urbanos antigos, aumentando a sua qualidade de vida, prevenindo o seu abandono e atraindo novos residentes. Isto é conseguido através da potencialização dos valores socioeconómicos, ambientais e funcionais destas zonas, da resposta às carências da população e da promoção da coesão social.

Este trabalho visa a apresentar uma solução para a necessidade de locais acolhedores ao grande número de famílias que vive na aldeia de Pêro Viseu, que seja igualmente um espaço onde as pessoas de todas as faixas etárias sejam bem-vindas e se sintam bem. O Largo do Chafariz apresenta um grande potencial para servir este propósito sendo um local que, outrora, fora o centro das vivências da população, com a existência de vários serviços, inexistentes atualmente, o que levou a um abandono deste ponto urbano central.

Pretende-se a intervenção num conjunto de edifícios que se pensam ser do século XIX ou XX, localizado na zona principal e de entrada da aldeia. A proposta consiste numa área de café / pastelaria com uma essência mais familiar, em falta, apoiada por uma esplanada em espaço aberto; uma área recreativa com uma pequena biblioteca e zonas de ATL / salas de estudo, e um espaço de oficina e zona de exposição reservados diretamente para a comunidade e para a produção e partilha do artesanato feito pelas pessoas da aldeia que os podem assim partilhar com os vizinhos, familiares e amigos. Surge desta proposta uma fonte de desenvolvimento social, cultural e económica, essenciais para o aumento da qualidade de vida e atratividade da zona, referidos.

### 1.1 Justificação da Proposta

Este tema representa um objeto de estudo de importância nas comunidades que, como nesta aldeia, viram as dinâmicas dos espaços públicos mudar radicalmente ao longo dos

anos. Não só as populações estão mais envelhecidas como não há movimento nas ruas, por falta de espaços acolhedores e funcionais às suas necessidades. Determinados locais fazem parte do passado e das memórias das pessoas que sentem a vontade de poder voltar a usufruir destes, mesmo em diferentes contextos.

O Largo do Chafariz, o espaço onde se insere a proposta de intervenção, é um exemplo desta situação. Partindo de desabafos e conversas que se fazem ouvir por vários pais e avós, surgiu esta iniciativa, que assume um espaço que é considerado a entrada da povoação, o elemento central urbano de Pêro Viseu, que, outrora, se fazia servir de serviços como café, padaria, mercearia e restaurante, e se encontra abandonado, demonstra uma perda tanto para o desenvolvimento social como económico da aldeia e da zona envolvente, sendo que, como consequência, os habitantes escolhem fazer as suas compras e passar momentos de lazer nas cidades circundantes.

A deserção do centro da aldeia torna-a pouco atraente a visitantes que escolhem não voltar ao local. Pêro Viseu tem muito a oferecer não só em paisagens, como nas suas gentes e cultura e, é assim, urgente a criação de espaços convidativos à população em geral e visitantes em particular. A requalificação do Largo do Chafariz seria um ponto de renascimento de uma nova Pêro Viseu, mais dinâmica e valorizada. Intervenções como esta dependem, muitas vezes, apenas de iniciativas dos naturais da aldeia e representam a esperança de que seja possível voltar a oferecer aos habitantes das novas gerações, o ambiente de bem-estar e comunidade oferecido e vivido pelos seus antepassados.

## **1.2 Objetivos**

O plano fulcral consiste em trazer para este largo tanto um ponto de encontro para os habitantes da localidade como também de visita para os turistas, que existiu no passado e que, sem esquecer a componente prática e de utilidade aos habitantes, seja atraente à sua utilização. Conforme algumas sugestões dos residentes sobre o que se encontra em falta na aldeia, as necessidades de um espaço onde a família se possa reunir, um espaço para os mais novos poderem estar em segurança, numa zona aberta à comunidade e em que os mais idosos possam conviver confortavelmente fora de um contexto de café ou igreja, foram os que mais se destacaram. Assim, estes são objetivos a alcançar com este projeto. Garantir a sustentabilidade do edifício é também um objetivo a conseguir, com a escolha de técnicas e materiais mais sustentáveis, tornando-a pouco intrusiva no espaço e dinâmica social da aldeia.

Pretende-se terminar o trabalho com um projeto a apresentar à comunidade perovisense e tentar incentivar ao seu investimento ou simplesmente dar luz à importância do problema que se vive no centro urbano e apresentar uma solução viável para o mesmo.

### **1.3 Metodologias**

O trabalho prevê-se em três fases principais. A primeira é uma fase de recolha de informação para conceitos orientadores da pesquisa; a segunda, de análise dos objetos relacionados com o caso prático escolhido, para uma melhor compreensão do mesmo e dos procedimentos de trabalho; e finalmente a terceira, de elaboração da proposta de intervenção de forma a cumprir os objetivos pretendidos.

Devido à escassa informação documentada em livros ou outros registos sobre esta pequena aldeia de uma região também pequena como o Fundão, a pesquisa baseia-se, em grande parte, em entrevistas a habitantes da aldeia, inclusivamente aos proprietários do conjunto de edifícios estudado. Contactos com elementos da Junta de Freguesia de Pêro Viseu, recolha de artigos e documentos acedidos pelos mesmos e adquiridos em bibliotecas locais e pesquisas online são também essenciais ao processo de recolha de elementos informativos, assim como o levantamento do existente por registos fotográficos, desenhos e medições. A fase de análise consiste no tratamento das informações adquiridas e na descrição e conclusões retiradas das mesmas, desde o local de intervenção, a sua envolvente, aos casos de estudo e identificação do programa escolhido. A terceira fase consiste numa memória descritiva e justificativa da proposta, com esquemas explicativos, descrições de programa e soluções construtivas e desenhos técnicos representativos do objeto final.

### **1.4 Estrutura do Trabalho**

A estrutura deste trabalho é organizada por duas grandes partes: investigação teórica e apresentação do caso prático. A primeira parte envolve todos os estudos sobre o local da proposta, o seu contexto e elementos que o caracterizam e conceitos importantes para a compreensão e abordagem do caso prático. Na segunda parte, surge a proposta de intervenção, que parte da análise prática do edificado existente.

A seguir à introdução, o segundo capítulo define os conceitos relativos às noções de história e memória e a relação entre elas, também o significado de património e como este pode ser subjetivo e o aparecimento do conceito de lugar de memória que, reunidos, justificam a escolha do local.

O terceiro capítulo apresenta o local de intervenção, partindo da aldeia e do seu contexto histórico e cultural, até ao espaço e edifício específicos de estudo e as suas características.

O quarto capítulo faz referência ao que é a reabilitação e, mais especificamente, a requalificação urbana, as suas vantagens e soluções construtivas e, finalmente, a sua aplicabilidade no projeto proposto.

O quinto capítulo introduz o que é o espaço intergeracional, as suas características e aplicação no caso prático, sendo este o conceito gerador do programa proposto.

No sexto capítulo são apresentados dois casos de estudo nacionais e um internacional que contribuirão como inspiração para o projeto proposto relativamente aos aspetos de materialidade, relação antigo/novo e de funcionalidade.

No sétimo capítulo é revelada a proposta, processo de formação da ideia, os problemas que esta pretende resolver e como se vai desenvolver através de um modelo universal pensado e criado para aplicar nas aldeias da região. Explica também a organização do programa e os aspetos construtivos do conjunto como a materialidade e as estratégias de sustentabilidade aplicadas.

No oitavo capítulo, a conclusão, estão relacionados todos os aspetos explorados, referenciadas as dificuldades encontradas, os objetivos conseguidos e as observações retiradas ao longo da realização do trabalho.

Estão, por fim, anexados todos os desenhos técnicos da proposta, desde o levantamento do existente até ao projeto final.

## Capítulo 2

# O Resgate do Passado: História, Memória e Património

### 2.1 A Relação Entre História e Memória

“O dever da memória faz de cada um o historiador de si mesmo.”

- Pierre Nora

O passado não volta a acontecer, ou seja, não é possível alterá-lo e os seus acontecimentos são assumidos como factos e não possibilidades. (Jorge, 2007) A forma como revisitamos o passado reflete a nossa necessidade e vontade de o reviver e, muitas vezes, a forma de responder a estas é com a criação de lugares que o documentem. Assim, é importante compreender o diálogo entre o passado e o presente e os seus intervenientes, como os espaços, as pessoas e os objetos. (Ana Martins, 2014)

É a presença de imagens próximas de cada um, desde paisagens ou fragmentos deixados da história e objetos, que ajuda à análise das vivências e dinâmicas que existem no seu subconsciente. (Jorge, 2007) Há uma grande diferença entre memória verdadeira (imediate, que parte dos gestos, hábitos e ofícios que transmitem os saberes e as memórias) e a memória transformada em história (indireta, voluntária e vivida como um facto). (Nora, 1984)

Surge também uma necessidade de compreensão da relação entre a memória e a história. Esta relação baseia-se numa indissociabilidade, mas complementaridade de ambas, pois “tal como o passado não é história, mas o seu objeto, também a memória não é história, mas um dos seus objetos e simultaneamente um nível elementar de elaboração histórica.”, segundo Jacques Le Goff<sup>1</sup>. (Ana Martins, 2014)

A materialização da memória ao longo do tempo mudou a sua dinâmica. Nos tempos clássicos, os grandes arquivadores eram elementos das famílias importantes, da Igreja e do Estado, enquanto que atualmente qualquer um de nós, independentemente da etnia,

---

<sup>1</sup> Jacques Le Goff, nascido em 1924, foi um historiador especializado em Idade Média que assinou diversas obras escritas, incluindo “História e Memória” em 1988 no qual reconstrói e recapitula o conceito de história ao longo dos tempos e teóricos e em que defende que existem dualidades que desenham a história, como o antigo/moderno, passado/presente e progresso/reação. (Ana Martins, 2014)

tradições e culturas, sente a necessidade de acumular recordações, na tentativa de definir a sua identidade e história. (Nora, 1984)

A memória surge da preocupação pelo desaparecimento definitivo do que passou e pelo significado do presente e a incerteza do futuro. Não se dá, porém, o valor de “memorável” a qualquer vestígio. (Nora, 1984) Relativamente à arquitetura, as memórias surgem pelas imagens que temos do passado com os vestígios de construções ainda existentes na atualidade ou vestígios dos mesmos, que foram desaparecendo com o tempo e, assim, apagando a imagem da memória das pessoas. (Jorge, 2007) O interesse pelos lugares onde se mantém e se exprime a nossa memória salienta a nossa sensibilidade para a nossa própria história e passado. (Nora, 1984) Estes lugares, para além da cristalização do passado, podem também, pela sua aptidão para a metamorfose, projetar o futuro, contribuindo para fenómenos como o da patrimonialização. (Ana Martins, 2014)

Vários monumentos históricos que sobreviveram até à atualidade são prova das gerações passadas, das suas vivências, da sua história cultural, patrimonial e social e são um símbolo da evolução da construção de cada país. Elas comprovam boas soluções e materiais construtivos descobertos no passado e é um dever comunitário manter a sua autenticidade para as gerações futuras, com base nos princípios da reabilitação. (Sousa, 2016)

## **2.2 Conceito e Classificação de Património**

As provas edificadas que contam a história de cada um remetem para o que é o seu património. Património pode ser definido pelo conjunto de bens materiais ou imateriais que contam a história de uma comunidade e a sua relação com a envolvente, que é herdada pelas gerações futuras. (Benjoi, 2012) Este estatuto nasce quando se reconhece o desaparecimento de algo ou algum lugar, quando deixou de pertencer ao quotidiano e perdeu o seu propósito inicial, suscitando assim um maior interesse que é intrínseco e uma vontade da sua proteção. (Ana Martins, 2014) Consiste numa fonte de identidade e união para as comunidades, afetadas pela avançada evolução tecnológica, económica e social, e por esta razão começou a ganhar maior destaque. Começou-se igualmente a dar mais importância ao seu contexto, a quem o pensou, a quem o construiu, a sua função inicial e o valor a si atribuído. A proximidade que existe entre a identidade e o património acontece devido ao carácter ficcionado de ambos “porque ambos existem apenas em abstrato, dependem da forma como nos imaginamos a nós próprios e somos imaginados por outros” (Peralta e Anico, 2006, p. 2). (Ana Martins, 2014)

Existem várias derivações do termo “património”, desde património histórico, rural, arqueológico, natural, etnográfico, religioso, cultural, industrial ou imaterial. Esta grande extensão conceptual parte das diferentes sensibilidades do Homem que evoluíram e se consolidaram ao longo dos tempos. (Ana Martins, 2014)

Atualmente, segundo a UNESCO o património pode ser classificado em duas categorias: (Sousa, 2016)

- Cultural, que consiste no conjunto de monumentos, obras arquitetónicas, edifícios ou sítios de valor histórico, estético, arqueológico, etnológico e antropológico.

Material – Pode ser móvel, que consiste em bens que podem ser mudados de lugar ou imóvel, bens que não podem ser mudados de lugar.

Imaterial – São as culturas e tradições preservadas pela comunidade para as gerações futuras, como por exemplo atividades como a falcoaria e música como o fado.

- Natural, que consiste em formações geológicas e fisiológicas, habitats de espécies de animais ou vegetais em risco e áreas com grande valor do ponto de vista científico e estético ou locais naturais com valor de conservação ou beleza natural. (Associação Bandeira Azul da Europa, s.d.)

Sendo que o património pode ser considerado um conceito muito subjetivo ao indivíduo e grupos sociais no geral, dependendo da forma como são sentidos os locais, os objetos e as tradições que os simbolizam, que são diferentes entre si, pode considerar-se que, desde as últimas décadas, todos os edifícios podem ter um valor de património pois contêm um simbolismo histórico na cidade e a evolução do seu estado ao longo do tempo representa alguma memória individual ou coletiva da comunidade e também os seus contextos políticos, socioeconómicos e ideológicos. (Sousa, 2016)

### **2.3 A Criação de Lugares de Memória**

É na passagem de acontecimentos vividos para a narração histórica dos mesmos que se constroem os lugares onde a história e a memória se encontram e nasce um outro tempo que é produzido no presente com os elementos que a memória resgata do passado. Entre o passado e o presente surge, então, um espaço intermédio, onde se cristalizam referências do passado com significados atribuídos ao presente, os lugares de memória. (Nora, 1993)

O tempo está relacionado com o espaço na forma em que as memórias do passado produzem emoções associadas a determinados espaços físicos. (Martins, 2013) Com as

memórias surge um sentido de “lembrar, criar e recriar o passado”. (Rodríguez; Fortier, 2007:1) Com a recorrência de imagens espontâneas, chamadas *flashbacks*, de acontecimentos num determinado espaço, a memória rege-se por um tempo psicológico e não cronológico. (Martins, 2013) A duração do tempo influencia a experiência pessoal dos espaços e, assim, a percepção dos lugares. Num curto período de tempo, num espaço onde se passa e não se “está”, o significado de “lugar” não existe. Este só nasce com a experiência, as vivências e o entendimento desse espaço, utilizando todos os sentidos e despertando sentimentos ao sujeito que, desta forma, atribui uma realidade ao, então, lugar. (Oakeshott, 1993)

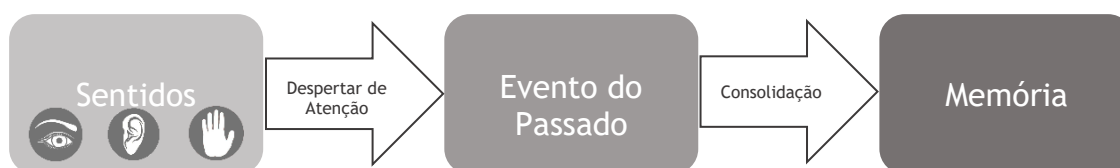


Figura 1 - Esquema do surgimento do lugar de memória

Os lugares de memória surgem para dar resposta ao sentimento de descontinuidade entre o presente e o passado que surge das rápidas e contínuas mutações das novas estruturas sociais, dadas pelo desaparecimento da ruralidade e a vontade de uma sociedade mais industrializada. (Ana Martins, 2014)

Podendo ser simples e naturais ou complexos e artificiais, estão em constante mutação, conforme a mudança do seu significado, pelo carácter vivo que a memória possui, sendo assim lugares de transição. A sobrevivência destes lugares passa pela sua capacidade de representar a dimensão simbólica que possuem. (Ana Martins, 2014) Por exemplo, os lugares monumentais (estátuas ou monumentos) conservam o seu significado na sua própria representação. Por outro lado, os lugares arquiteturais são construídos pelo tempo e tiram o seu significado das relações entre si e os seus elementos envolventes, como as próprias pessoas. Assim, são lugares duplos, fechados sobre si mesmos e sobre a sua identidade, mas constantemente abertos pela vastidão dos seus significados. (Nora, 1984)

A percepção do Homem está então relacionada aos sentidos do mesmo e à forma como a sua consciência se relaciona com o espaço físico, numa relação corpo/mente. Os sentidos

são o elemento essencial à transformação espacial que, segundo Henri Lefebvre<sup>2</sup>, na sua obra *A Produção do Espaço*, em 1991, compreende-se em três processos ou “momentos de produção do espaço”. Esta tríade parte do espaço percebido (*perçu*), para o espaço conceitual (*conçu*), para o espaço vivido (*vécu*) ou, numa perspetiva mais ampla, a Prática Espacial, a Representação do Espaço e os Espaços de Representação, respetivamente. (Lefebvre, 1991) O espaço vivido (*vécu*) resulta então dos dois primeiros espaços de uma forma em que o espaço é objetivo e o utilizador imagina-o e concebe-o na sua mente pelos símbolos que esse espaço apresenta. (Haverkort, van der Zwaluw, 2012) De Lefebvre surge assim a premissa de que o “espaço é um produto social”. (Lefebvre, 1991) A construção social dos espaços baseia-se no ideal de que o lugar nasce socialmente, pela relação dos sujeitos entre si e com o meio envolvente e esta atribuição de “lugar” é, ela própria, resultado de uma rede de agentes ligada a uma rede de elementos materiais ou não (ligação esta desenvolvida pela Teoria Ator-Rede - ANT<sup>3</sup>). A memória é um elemento material, na forma de reproduções textuais e objetos, e imaterial na forma de pensamentos e memórias de experiências. (Martins, 2013)

O sujeito serve de metáfora para o lugar onde vive, combinando as histórias vividas do passado e as histórias vividas nesse espaço, tornando-se assim uma reflexão da relação passado/presente de um local que já não existe fisicamente. A experiência do sujeito serve de conhecimento inerente de um determinado lugar e oferece-lhe uma própria identidade, podendo-se considerar assim este sujeito como o elemento transformador do espaço. Esta transformação concretiza-se então pelas ações do Homem que trazem experiência sensorial ao mesmo, tendo sempre em consideração o seu contexto. Assim, o espaço não é só social como também serve de narrador do lugar pelos contextos históricos e práticas dos intervenientes. (Martins, 2013) Segundo Roland Barthes<sup>4</sup> (1966) a “história da narrativa começa com a história da humanidade; não existe, e nunca existiu, um povo sem narrativas” (p.14), assim, as narrativas, ou os relatos das populações ao longo do tempo são fundamentais para a compreensão e construção humana e social. As posições e ações das pessoas modelam a identidade do lugar pela

---

<sup>2</sup> Henri Lefebvre, nascido em 1901 em França, foi um filósofo defensor de Marx e sociólogo, pioneiro no pensamento da vida quotidiana, e as suas lacunas, e na introdução do conceito do direito à cidade e da produção dos espaços sociais, publicando mais de sessenta obras sobre os temas. (Augusto, et al., 2016)

<sup>3</sup> ANT, de *Actor-Network Theory*, consiste numa estrutura e corrente de pesquisa sociológica que compreende os processos de criação do conhecimento científico e as suas práticas por agentes humanos e não humanos, em que ninguém age sozinho e é influenciado por vários fatores. (L.,2007)

<sup>4</sup> Roland Barthes foi um escritor e filósofo francês, notório pela sua influência nas teorias em antropologia, semiótica e o estruturalismo como movimento intelectual no século XX. (Biography.com Editors,2014)

propagação dos seus hábitos por todas as gerações, propagação esta feita para explicar e dar a compreender as suas próprias vidas no passado e para o futuro. (Martins, 2013) “O espaço é um lugar praticado’, um lugar frequentado, misturado por corpos pelas suas (rel)ações, introduzindo a variante do movimento às narrativas e à prática social”. (Martins, 2013, p.13) O espaço e, conseqüentemente, o lugar estão, então, dependentes de movimento. (Martins, 2013)

Os objetivos de um lugar de memória são assim parar o tempo, quebrar o esquecimento, imortalizar as memórias e materializar o imaterial, para conseguir prender o máximo de emoções e lembranças com o mínimo de vestígios físicos. (Nora, 1984)

### 2.3.1 Teoria dos Lugares de Memória

A Teoria dos Lugares de Memória foi formulada e desenvolvida nos anos 70 a partir das aulas de Pierre Nora<sup>5</sup>, um historiador contemporâneo francês que desenvolveu a obra *Les Lieux de Mémoire*, que consiste em três volumes sobre a memória nacional francesa e é considerada um modelo nos conceitos da memória dos lugares. (Abreu, 2005)

Os lugares de memória podem ser considerados objetos ou instituições dependentes não da sua natureza, mas da realidade que ocupam, resultado dos vestígios da história coletiva e da imortalização das memórias pessoais. (Abreu, 2005) Eles são necessários quando o que simbolizam se encontra ameaçado e já não representa verdadeiramente o passado das pessoas. (Nora, 1984) São assim o fim das sociedades antigas e são mantidos pela vontade da comunidade de se modernizar, conseguindo uma adaptação do presente e futuro envolvente com o passado expresso pelo objeto. (Abreu, 2005)

Nora explica os lugares de memória com uma estrutura tricéfala: material, funcional e simbólica. As três dimensões formam o principal objetivo dos lugares de memória, bloquear o trabalho do esquecimento, e consistem na seleção dos meios com que se materializará (dimensão material); a implementação de dinâmicas de funcionamento para o cumprimento da sua função (dimensão funcional); e a razão pela qual se deve assegurar a sua manutenção (dimensão simbólica). (Ana Martins, 2014)

---

<sup>5</sup> Pierre Nora foi um historiador e diretor na *École Pratique des Hautes Études*, de Paris com grande contribuição para os estudos do património cultural, em particular da noção de “lugares de memória” com a sua obra *Les Lieux de Mémoire*, publicada entre 1984 e 1992 e também artigos publicados pelo mesmo, nos quais são perceptíveis mudanças de postura e autocríticas sobre os temas. (Abreu,2005)

Os lugares de memória conseguem ser uma realidade por si próprios, representando um lugar material e, simultaneamente, uma experiência para as pessoas ou um lugar mental. Não pode ser assumido por quaisquer registos ou testemunhos deixados pelo tempo e deve então ter na sua origem uma espontânea "vontade de memória" que garante a sua identidade característica. Caso contrário, é apenas um lugar de história. (Abreu, 2005)

Segundo Pierre Nora, é fundamental a noção de aceleração da história, um “arrancar” dos vestígios da tradição antiga sob o sentimento histórico e de conhecimento do Homem. Este conceito consiste em toda a distância existente entre a memória das sociedades e a história, ou o que as nossas sociedades atuais fazem do passado, muitas vezes esquecendo-o, levadas pela ideia de mudança. (Nora, 1984)

O interesse pelos lugares nos quais a nossa memória ainda reside está intrinsecamente ligado com o momento em que a nossa consciência do que é passado se mistura com uma sensação de uma “memória turva”. Esta mesma turbidez faz com que a história seja então declarada pelas marcas físicas ou eventos deixados para o tempo presente. (Nora, 1984)

Contrariamente à relação memória/história defendida por vários autores, Nora defende que a memória e a história que fazem os lugares de memória são dois grandes opostos e é necessária a sua distinção. A memória é considerada como a evolução da vida, aberta às recordações e ao esquecimento e até a várias e espontâneas revisitações no presente que surgem muitas vezes dos espaços, pessoas, gestos e objetos que os compõem. É um elemento mais afetivo, mas mais vago e sem detalhes, o que o deixa aberto à alteração de algumas partes e variável conforme o indivíduo. A história, por outro lado, é uma tentativa de representação do passado que surge de pesquisas de terceiros. A história apenas conhece o contexto comum e não os pormenores que o Homem consegue obter pelas suas memórias. Considerando a evolução do tempo e as relações dos objetos e das pessoas entre si e com esse tempo de forma tão pouco distinta, a história pertence simultaneamente a todos e a ninguém, e tira valor ao passado vivido, não constituindo uma glorificação do que realmente aconteceu, mas constituindo sim a representação do seu fim definitivo. A memória suporta-se em lugares, como a história em acontecimentos. (Nora, 1984)



## Capítulo 3

### O Lugar: O Largo do Chafariz

#### 3.1 A Aldeia de Pêro Viseu

##### 3.1.1 Localização Geográfica

Pêro Viseu ou Peroviseu é uma aldeia pertencente ao concelho do Fundão, no distrito de Castelo Branco. Com uma área total de aproximadamente 20 km<sup>2</sup>, representa cerca de 2,8% da área abrangida pelo conjunto de aldeias do Fundão, cidade da qual se encontra a 12 km. Encontrando-se, simultaneamente, a 16km da Covilhã, é uma aldeia com fáceis e rápidos acessos às grandes cidades para serviços mais completos, o que faz desta uma aldeia bem localizada, o que garante um maior conforto à população. Pertencendo ao vale da Cova da Beira, entre as simbólicas Serra da Gardunha e Serra da Estrela, a aldeia encaixa-se na encosta de uma pequena serra que a separa da freguesia do Ferro, já no concelho da Covilhã, à qual os habitantes, orgulhosamente, intitularam de Serra de Pêro Viseu. (Silva, 2006)

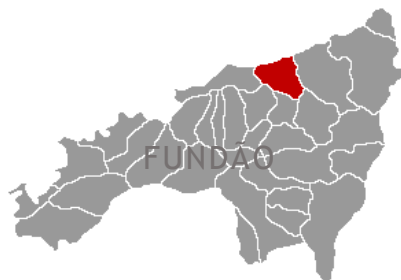


Figura 2 - Localização de Pêro Viseu no mapa do concelho de Fundão



Figura 3 - Vista aérea da aldeia de Pêro Viseu

### 3.1.2 Contexto Histórico

Pêro Viseu é uma freguesia com uma componente histórica forte, começando pelo seu nome que se refere a uma personagem dos primeiros tempos monárquicos, com o seu antropónimo comum medieval “Pero”, Pedro, natural das terras de Viseu, que se julga ser o seu fundador. O local de origem da aldeia terá sido no sítio da Romaxa, a oeste do atual centro, eventualmente abandonado devido a uma praga de formigas que comiam os olhos das crianças, segundo a lenda ainda hoje viva. Os habitantes mudaram-se então para o Cabeço da Malha, um ponto mais elevado, a este, onde reconstruíram as suas habitações ao longo da primeira metade do século XIII. (Silva, 1993)

A fundação de Pêro Viseu remete a cerca de 1000 a.C., datação provada por vestígios geológicos pré-romanos e romanos em vários pontos da aldeia. (Silva, 2006) Como é documentado, um dos maiores objetivos do império romano era o da comunicação para assegurar ligações entre Roma e as suas terras e assegurar a segurança das suas conquistas para a total fruição dos territórios e bens, que fez com que se criassem marcos territoriais que, na arquitetura, são representados por construções em pontos específicos que contam uma história desse determinado local e asseguram a presença dos factos e acontecimentos nele passados. Pêro Viseu apresentava uma inscrição romana em pedra, que pertencia à fachada da residência paroquial, quando encontrada em 1971. Consistia num marco imperial de fronteiras “*inter Lancienses et Igaeditanos*”<sup>6</sup>, identificado como TERMINVS AVGVSTALIS em granito, do século I, hoje presente no Museu Arqueológico do Fundão.

Para além do marco referido, outro surge a este de Pêro Viseu, na delimitação da atual freguesia com a Fatela, por uma calçada romana sobre a ribeira da Meimoa, na Ponte Romana dos Moinhos, ainda hoje existente. (Monteiro, 1974) Outras marcas históricas e temporais encontradas ainda hoje na aldeia são o Castro de Vale Feitoso, algumas sepulturas esculpidas em rocha maciça, as chamadas “tumbas dos mouros”, e as calçadas romanas de S. Marcos e do Vale de Feitoso. (Silva, 2006)

---

<sup>6</sup> “*inter Lancienses et Igaeditanos*” pertence à inscrição latina datada de 4 ou 5 d.C. “IMP CAESAR AVG PONTIFEX/ MAX TRIB POTEST XXIII COS XIII / PATER PATRIAE TERMINVS AVGVSTALIS / INTER LANCIENSES ET IGAEDITANOS” que representa a marcação da fronteira entre as populações da Idade Média, os Lancienses Oppidani e os Igaeditanos. (Portal do Arqueólogo, s.d.)

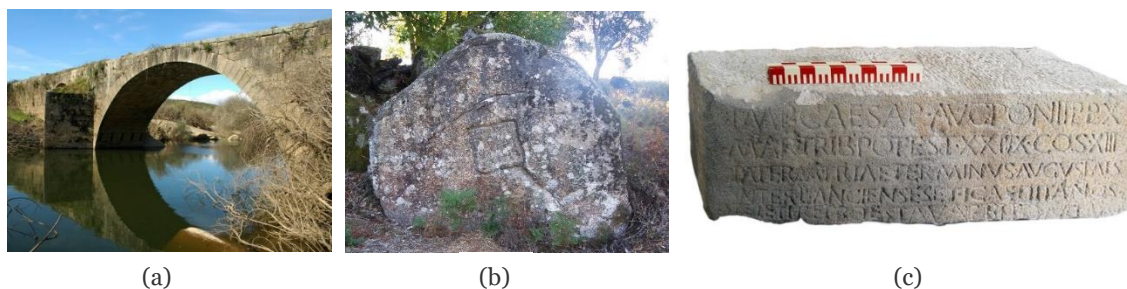


Figura 4 - Exemplos de vestígios romanos presentes na aldeia.

### 3.1.3 Contexto Cultural

Pêro Viseu, sendo uma aldeia grande com pouca população, é caracterizada por muitos espaços rurais sem construções, espaços esses com potencial e utilizados ora para agricultura ou para lazer. Pela aldeia passa a ribeira da Meimoa na zona sudoeste, em direção à aldeia do Carvalhal cujas águas provêm da Barragem do Meimão, em Penamacor e que, outrora, oferecera um espaço de lazer para a comunidade, até ao fim dos anos 90, em que empreendedorisismos agrícolas se aproveitaram do local. O Miradouro do Cruzeiro, o Parque de Lazer do Espírito Santo, o Parque de Lazer do Serrado com um polidesportivo e máquinas de exercício exteriores são espaços planeados para lazer e usufruto da população, mas que, na prática, não são utilizados e não servem assim os seus propósitos.



Figura 5 – Exemplos de espaços verdes de Pêro Viseu.

Por outro lado, alguns espaços recreativos que tiram partido direto dos atributos naturais da aldeia são a anteriormente referida serra e grandes e amplos espaços de vasta floresta, preenchida de pinheiros-bravos, eucaliptos e carvalhos, onde se podem ver e ouvir rebanhos de ovelhas e cabras que fazem parte também das principais atividades do setor agrícola da aldeia, o maior setor da região. Nesta localidade, a produção agrícola mais comum é de frutas como o pêssego e a cereja, do vinho e do azeite, que constituíram, durante décadas, as fontes de rendimento das comunidades. Atualmente, como se verifica em todas as áreas rurais, esta dinâmica tende a perder-se, sendo que os lagares,

moagens e pequenos fabricos desapareceram e com eles desapareceram também as lojas de venda de alimentos e artesanato locais, o que provocou uma deslocação das pessoas que começaram a recorrer às cidades para adquirir a maioria dos produtos que necessitam.

Com um agregado populacional de cerca de 730 habitantes, o mais baixo de sempre, repartidos em 305 famílias, é uma aldeia com pouco movimento, devido à sua população que se pode considerar de meia idade, com apenas 25% de habitantes com idade superior a 65 anos e 13% de crianças e adolescentes, sendo os restantes 62% população entre os 25 aos 64 anos. (Junta de Freguesia de Pêro Viseu, 2015) Desta forma, a maioria dos residentes locais passam os seus dias de semana fora da aldeia, nos seus empregos, maioritariamente localizados nas cidades envolventes e só se reúnem esporadicamente aos fins de semana e em eventos organizados pela comunidade. Os habitantes reformados passam a maior parte dos seus dias em casa ou nas suas hortas, fora do centro urbano, e os mais jovens frequentam a escola no Fundão ou Covilhã, voltando apenas ao fim da tarde na maioria dos seus dias, altura em que preferem ir para casa por não existir um local atrativo na aldeia para fazerem os seus trabalhos escolares com os amigos ou para descontraírem num espaço protegido. São essenciais, assim, espaços convidativos a reuniões mais frequentes da população, independentemente dos seus contextos, da idade ou estilo de vida das pessoas. (Silva, 2006)

## **3.2 O Largo do Chafariz**

### **3.2.1 Enquadramento Histórico**

O nome Largo do Chafariz foi atribuído a este espaço pela existência de um chafariz proeminente redondo que se encontrava situado no centro do largo que servia para abastecimento de água para consumo da população e que foi retirado há mais de 50 anos. Nessa altura, o Largo do Chafariz era um local com ferreiros, com padarias e tinha até uma fábrica de calçado e uma loja de venda de produtos agrícolas. Até mais recentemente, existia um minimercado, um grande café com uma esplanada e um restaurante – hotel, O Rochedo, que atraía muitos turistas e mesmo residentes, sendo esta a única estância hoteleira existente na aldeia. O largo, nos dias de hoje, não tem propriamente uma função, apesar de ser utilizado como estacionamento dos veículos das pessoas residentes na proximidade do largo, notando, desde já, que existem outras alternativas para os mesmos.



Figura 6 - Edifícios que compõem o Largo do Chafariz

### 3.2.2 Morfologia Urbana

O local da proposta de projeto é o Largo do Chafariz, um ponto central da aldeia de Pêro Viseu. Este largo é desenhado por um espaço aberto central com cerca de 420 m<sup>2</sup> caracterizado por dois chafarizes e oito edifícios que delimitam as sete ruas que dele partem, atualmente. De fácil chegada pela sua entrada principal, a Rua 25 de Abril, e acessível por todas as entradas da aldeia do eixo noroeste – sudeste, é um local de passagem para atravessar o centro, habitualmente para deslocamentos até à igreja ou a algum café, mas não é, infelizmente, um local de paragem. É uma zona de coexistência em que passam veículos e peões, com inclinação, em calçada e rodeada de edifícios altos, todos com, pelo menos, dois pisos que serviam de habitação e comércio e estão hoje, na sua maioria, abandonados. No largo não existem espaços verdes, sendo que o mais próximo se encontra a cerca de 275 metros de distância. Existem apenas alguns pequenos canteiros privados e vasos nas varandas das habitações. No espaço envolvente do largo situam-se, ainda sobreviventes, um minimercado, uma retrosaria, uma pequena fábrica de carnes e apenas algumas residências habitadas.



Figura 7 - Localização do Largo do Chafariz com edifícios em utilização

### 3.2.3 O Casario

O casario principal em destaque neste largo, que constitui o edificado em causa para a proposta de intervenção, divide-se em vários edifícios aglomerados, com materialidades e desenhos diferentes, que acompanharam a inclinação existente e as necessidades dos seus utilizadores que se foram alterando conforme a mudança das dinâmicas por si vividas. Os edifícios serviram, no passado, diversas funções ao longo dos anos. Existiu neles um espaço que servia de lagar de varas, uma pequena padaria que se manteve até tempos mais recentes, espaços para armazenamento e também a residência de duas famílias. O casario, hoje deixado totalmente ao abandono constitui, para os proprietários dos edifícios envolventes, um obstáculo, tendo até surgido a intenção por parte de alguns residentes, da sua compra pela Junta de Freguesia para demolição e posterior uso do espaço livre para estacionamento.

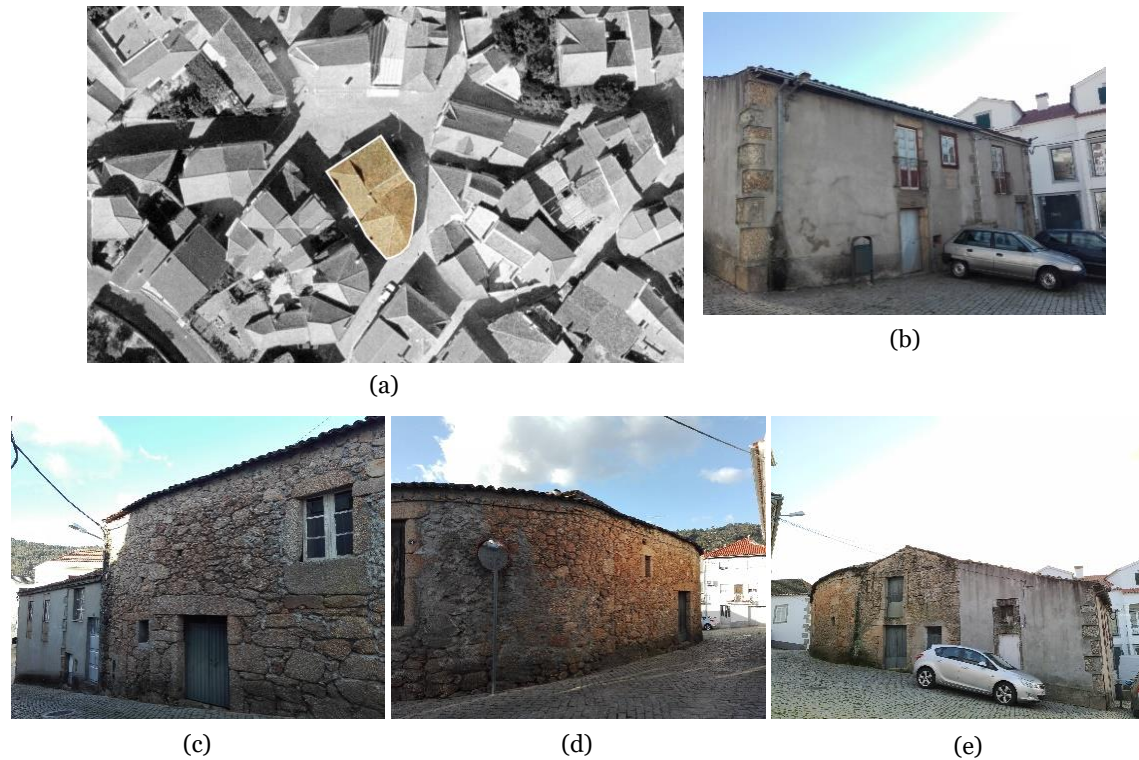


Figura 8 - Casario em estudo para intervenção

## Capítulo 4

### Reabilitação / Requalificação Urbana

#### 4.1 Princípios de Requalificação

##### 4.1.1 Definições do Conceito

Habitualmente, as condições dos edifícios nas zonas antigas não são ideais, devido à avançada degradação de elementos como fachadas e coberturas ou simplesmente pela falta de conforto e salubridade que apresentam. (da Silva, 2009) Consideram-se edifícios antigos os edifícios anteriores à aplicação de betão armado, da altura em que se recorriam a técnicas e materiais tradicionais para a construção e que deixaram de ser aplicados, com o avançar do tempo. Este abandono das práticas antigas causado pela “Era do Betão”, levou à maior ocorrência de maus diagnósticos de anomalias e más propostas para a reabilitação dos edificados tradicionais. (Sousa, 2016)

O passado como inspiração para os novos edifícios revela-se uma inconformidade entre teorias e ideais na arquitetura nas quais, ora são considerados os elementos do passado como respostas a problemas atuais, ora são ignorados, assumindo a necessidade absoluta de modernidade. (Jorge, 2007) A existência de exemplos bem-sucedidos de reabilitação e requalificação é essencial para os municípios com a preocupação em valorizar os seus centros e zonas antigas, planeando utilizar esta prática como ferramenta de esperança para estes edifícios históricos. (da Silva, 2009)

Em Portugal, a reabilitação tem sido considerada como um segundo plano relativamente à construção nova, porém, tem surgido uma maior consciencialização face a este tema, pela diminuição do número de novas construções e pela importância da preservação do património edificado cada vez mais degradado, pretendendo contrariar o envelhecimento dos centros urbanos. Segundo um estudo da FEUP de 2014, há 918 mil edifícios em Portugal a necessitar de reabilitação. (Sousa, 2016)

O conceito de património foi mudando conforme a evolução da importância da cultura e da regeneração do património urbano, evoluindo assim, simultaneamente, o conceito de reabilitação. (Sousa, 2016) Esta prática pode ser definida como um conjunto de obras para a conservação e restauro de partes de um edifício ou espaços públicos como intervenção estética ou histórica, resolvendo todas as anomalias acumuladas ao longo dos anos, para uma modernização e reutilização futuras, desenvolvendo de forma natural

a cultura, ambiente, economia e sociedade do espaço onde se insere e mantendo as populações no mesmo. Tem como objetivo solucionar defeitos físicos, construtivos e ambientais, para evitar a sua degradação completa e conseqüente abandono e garantir a sua longevidade. Esta intervenção tem de satisfazer determinados patamares de desempenho para a sua função, sem quebrar a relação e essência do edifício original, tentando reutilizar ao máximo os elementos construtivos pré-existentes. É de salientar que as técnicas antigas têm muita durabilidade, comprovada pelos séculos de existência de algumas construções, enquanto que as modernas não estão suficientemente comprovadas. (Sousa, 2016)

Na sua dissertação sobre princípios de reabilitação, Inês Sousa (2016) reconhece a reabilitação como uma área pluridisciplinar, considerando como seus princípios essenciais a autenticidade, a compatibilidade e a reversibilidade. Para cumprir estes princípios, existem aspetos técnicos a ter em consideração, desde as características tipológicas e morfológicas do edifício; as condições de higiene e conforto, de segurança estruturais, construtivas, ao fogo e intrusões, segundo as normas atuais; os padrões qualitativos conforme o RGEU, se possível; a escolha, se possível, das soluções e elementos construtivos originais, tentando evitar uma substituição por materiais e técnicas modernas que criam o risco de uma má conciliação de técnicas que pode acrescentar novos problemas aos existentes antes da reabilitação; e a possibilidade de reversibilidade, sem comprometer as futuras intervenções.

Sendo atualmente uma preocupação no processo de reabilitação urbana reanimar as cidades, sucedem-se casos em que as funções de determinados edifícios estão desatualizadas e desadequadas, deixando assim de oferecer respostas eficazes às necessidades da comunidade. Sobrepondo-se a urgência na atualização de serviços e espaços à preservação do edifício e da funcionalidade do mesmo, surge a prática de Requalificação Urbana.

Requalificação é entendida por “recuperar o sentido da localização residencial das populações através de (...) ações e medidas, que vão da infraestruturação à valorização da imagem (...) passando pela provisão dos adequados serviços e (...) equidade no acesso ao emprego. (...) A estratégia deve levar a ações que permitam descobrir e qualificar a alma dos lugares, pela nossa memória, pela vivência (...) – o que se herdou e importa valorizar (...)” (CEDRU, 1990 como referido em Moreira, 2007, p.118) A Requalificação Urbana é assim uma prática que promove a construção, recuperação e adaptação de edifícios ou áreas urbanas degradadas para a complementação e valorização dos espaços

públicos, através da criação de novas dinâmicas económicas e sociais. (MOURA, et. al., 2006 como referido em Gislou, 2016) Este modelo de intervenção envolve uma área urbana que se encontre em processo de declínio para a qual se pretende uma transição positiva pelas autarquias e comunidade local. (Moreira, 2007) Um espaço urbano abandonado torna-se desagradável e desajustado aos hábitos da população e provoca consequentemente um afastamento e sentimento de insegurança, sendo importante aplicar estratégias que consigam impedir a sua dispersão dos centros urbanos. (Batalha, 2017)

Esta prática engloba a atribuição de novas funções a um edifício ou espaço antigo, diferentes das originais, (Gilson, 2016) oferecendo serviços, atividades e, consequentemente, novas dinâmicas sociais e impedindo fenómenos de vandalismo que desvalorizam ainda mais a infraestrutura e desincentivam investimentos. (Pinheiro, 2015) Vários ângulos da requalificação são considerados como a revitalização dos espaços problemáticos e a sua influência no ambiente, na mobilidade e nos empregos que podem surgir com a mesma. (As Condições de vida urbana, s.d.) Com o objetivo de introduzir características de comunicação, acessos e centralidade nos espaços, esta prática é comumente referida como uma “política de centralidade urbana”. (Fortuna & Leite, 2009) De notar que o conceito de requalificação urbana está em constante evolução, acompanhando as diferentes necessidades das populações e problemas funcionais e de utilização dos territórios ao longo dos tempos e é adaptável, não existindo uma solução geral, mas sim uma que se responda às especificidades de cada caso. (Batalha, 2017)

Este pensamento é designado, como um estrangeirismo, por *Adaptive Reuse*, uma prática de adaptação dos edifícios antigos às necessidades da sociedade atual. O conceito assume que um bom desenvolvimento se dá ao ajustar os usos dos edifícios às exigências decorrentes, contrariando um esquecimento e inutilidade que levam muitas vezes à demolição total das construções para aumento dos espaços urbanos públicos, que por sua vez, cria maiores dispersões urbanas. (Pinheiro, 2015)

*O Adaptive Reuse* surge como uma forma de salvaguardar um edifício ou parte dele que seria, eventualmente, demolido, tentando sempre aproveitar ou replicar os materiais originais e minimizar a necessidade de novos. Do mesmo modo que existe a preocupação com a limpeza e a estética dos edifícios abandonados, importa cada vez mais o desenvolvimento sustentável que estes podem trazer aos centros urbanos ou localidades no geral. Assim, atribuir uma nova função a um edifício antigo significa trazer uma nova vida ao espaço não apenas num sentido estético, como de valor patrimonial e o

consequente impacto económico e social que incita o surgimento de novas respostas às novas procuras da população e atenua as divisões sociais pela urbe. (Pinheiro, 2015)

#### 4.1.2 Vantagens da Requalificação

A memória dos locais perde-se com a destruição dos elementos mais antigos e a sua substituição por elementos novos, sem qualquer relação. (Jorge, 2007) A preocupação e intervenção nos edifícios das zonas antigas é vantajosa e sempre a considerar, existindo diversas razões, sejam históricas, culturais, arquitetónicas, sociais ou técnicas que a justificam. (da Silva, 2009)

Silva e Sousa (2013) enumeram algumas destas vantagens, generalizando-as:

- Aumento da atratividade e competitividade e a prevenção da redução de habitantes;
- Aumento do número de fogos para arrendamento;
- Diminuição da produção de resíduos de construção;
- Diminuição do consumo excessivo de recursos;
- Melhoria das condições dos habitantes dos centros urbanos.

A reabilitação consegue não só assegurar a manutenção das estruturas do edifício intervencionado e dos edificadados adjacentes, como também a identidade cultural do espaço e da cidade. (Carta de Lisboa, 1995) O aspeto da salvaguarda da herança histórica e da memória dos espaços contribui bastante para o combate à desertificação verificada em alguns tantos centros urbanos portugueses e à fuga para as grandes cidades vizinhas, pretendendo atrair dinâmicas populacionais e valorizar culturas e locais. (Mota, 2013 como referido em Paiva, 2002) A reabilitação deve assim, num aspeto geral, assegurar o equilíbrio territorial e demográfico das localidades ao atrair todos os grupos sociais que, à sua maneira, marcam o lugar. A requalificação urbana consegue promover este equilíbrio enquanto renova os níveis de desempenho perdidos pelo uso ou pelo tempo.

A requalificação arquitetónica, bem planeada, consegue introduzir várias melhorias, conforme o seu grau da intervenção. Do ponto de vista sociológico, a melhoria dos ambientes, motivada por esta prática, provoca não só uma maior qualidade de vida e bem-estar, como um aumento de autoestima nos grupos sociais da localidade que é essencial no seu desenvolvimento equilibrado. Grupos sociais estes que estão integrados, independentemente do seu status social, económico, religioso, nível de ensino ou faixa etária, incluindo-se assim o conceito de intergeracionalidade, em todas as atividades e em todos os espaços. (Batalha, 2017) Este tipo de intervenção provoca também uma

maior disposição de manutenção e zelo das infraestruturas, por parte dos utilizadores (Delgado, 2008) que não se sentem predispostos a vandalizar um ambiente agradável que pretendem frequentar e os faz sentir seguros. (Batalha, 2017) A nível económico, os setores secundário e terciário são beneficiados pela criação de condições para novas áreas de negócio com atividades rentáveis e oferta de postos de emprego aos residentes. (Batalha, 2017) Também os custos envolvidos são uma vantagem, sendo a requalificação quase sempre uma alternativa de custos inferiores ao da nova construção. A vantagem cultural estende-se através do conceito de comunidade reunida, comunicação entre grupos de pessoas e a sua relação com o lugar, as memórias que cada um tem do mesmo que são despertadas e que conseqüentemente devolvem a sua vida, importância e desenvolvimento. (Pinheiro, 2015) Relativamente à questão ambiental, a perceção de um ambiente agradável à população conduz a comportamentos de preservação e limpeza da sua parte, sendo que, ao se sentirem confortáveis num espaço, os habitantes gostam e querem continuar a usufruir do mesmo. Considerando que a requalificação se prende à atualização do espaço, deverão ser também adotadas técnicas e materiais atuais, com consciência ambiental. (Moreira, 2007) Ao procurar manter o máximo possível do existente, deixa a atitude consumista da construção de novos edifícios de vida útil curta e assume uma economia de materiais, energia e custos. (Carta de Lisboa, 1995)

## **4.2 Soluções de Requalificação Urbana**

Salvo a reabilitação e a requalificação, que salvaguardam toda ou alguma parte da construção original, as soluções oferecidas para a obra incluem a total demolição e construção de outros edifícios com uma linguagem inteiramente diferente da original ou uma tentativa de autenticidade, muitas vezes falsa, e que incorre à não adequação ao estilo e contexto histórico, cultural e urbano.

Segundo o artigo 2º da Carta de Lisboa, é essencial que qualquer intervenção arquitetónica e urbana como a requalificação seja fundamentada por pesquisas históricas e sociológicas com um objetivo de integração e preservação mínimas da identidade dos edificados antigos e do património que eles suportam. (Carta de Lisboa, 1995) Antes de qualquer intervenção, uma inspeção ao edifício é essencial, para um diagnóstico correto das anomalias, com o propósito de adotar os métodos de ação mais compatíveis com as causas das mesmas. (Sousa, 2016) As anomalias eventualmente encontradas podem ter duas origens, humana, em obra, e não humana, por ocorrências naturais. (Carta de Lisboa, 1995)

Para que as soluções sejam eficazes e sejam escolhidos materiais adequados, é necessária uma análise das suas características, para que seja possível evitar outros problemas adicionados aos já existentes. Atualmente, a escolha dos materiais na construção não é tão dependente da facilidade de obtenção, mas sim das exigências colocadas pelo edifício, as suas funções e condições gerais. (Sousa, 2016)

#### 4.2.1 Elementos Construtivos Relevantes

Os elementos principais a considerar na análise para a requalificação do edifício são as coberturas, as paredes exteriores, as lajes e as janelas e portas.

Observar os telhados que desenham os centros urbanos antigos e imaginar como poderiam ser intervencionados são exercícios importantes na averiguação e conclusão do estado de degradação do edifício. (da Silva, 2009) As coberturas inclinadas de telha cerâmica com suporte em madeira são comuns na grande parte dos edifícios antigos e o caso prático não é exceção, sendo que a cobertura do casario apresenta telhas canudo, já degradadas e partidas, em 3 telhados diferentes, com águas diversas e irregulares. A cobertura é o elemento construtivo mais suscetível a ações externas como a chuva, vento e agentes biológicos e o seu estado de degradação em edifícios abandonados é muito comum pela falta de manutenção. (Sousa, 2016) Reabilitar um telhado passa por assegurar a estabilidade do seu suporte e a substituição e manutenção dos elementos danificados, tentando sempre a reutilização das telhas e preservação da linguagem e materiais originais não na cobertura original, mas sim numa nova e mais bem concebida, inspirada nessa. (da Silva, 2009) No caso, o desenho da cobertura vai ser alterado, devido ao seu número e organização de águas e à própria estética não resultarem pela falta de pensamento arquitetónico e pela forma de construção faseada, conforme a necessidade que surgia, visto este ser um edificado que não foi construído como um todo, mas sim gradualmente. Será assim uma cobertura nova, simplificada e mais eficaz, que não vai abandonar a linguagem de materiais e cores da original.

As paredes exteriores mais comuns nos edifícios antigos são, como já referido, em alvenaria de pedra ou tijolo. A maioria das fachadas é revestida com rebocos e pintadas, não sendo este o caso aplicado ao casario da proposta, em que metade do edificado se encontra com a pedra granítica à vista e a outra com alguns remates simplesmente rebocados, sem qualquer tratamento adicional. Na proposta de projeto, as paredes exteriores em pedra granítica existentes não sofrerão quaisquer alterações, devidamente impermeabilizadas, sendo que as restantes serão substituídas por paredes cortina e madeira. As cores dos edifícios estabelecem a relação mais direta e, assim, mais

importante, com a população e devem ser previamente analisadas. (da Silva, 2009) No caso, sendo que a pedra em vista e o próprio reboco apresentam os mesmos tons, o casario não oferece um grande obstáculo neste campo e serão escolhidos materiais de complementaridade aos tons originais.

As lajes nas construções tradicionais são habitualmente em madeira, alvenaria de pedra ou tijolo. Estes materiais sofrem fissuras, alteração de cor, desgaste, envelhecimento e deterioração ao longo dos tempos e é praticamente impossível serem mantidos na reabilitação pelas vulnerabilidades adquiridas. (Magalhães, 2016) Neste caso prático, tendo em consideração a falta de regularidade estrutural no interior dos edifícios, faltando inclusivamente algumas lajes ou partes destas, anteriormente retiradas ou desabadas, e o estado de degradação dos materiais, as lajes serão substituídas na sua totalidade.

Nos edifícios antigos, e como acontece com o caso prático, as caixilharias são em madeira e não oferecem as condições de conforto requisitadas nos dias de hoje, estando mais sujeitas à radiação solar e à chuva e à possibilidade da produção de fungos pela humidade, sendo necessária assim uma maior atenção à sua manutenção e substituição. A intervenção nestes elementos deve requalificar a sua estanquidade e a própria estética do edifício. No caso prático, sendo que as caixilharias estão muito degradadas ou até já inexistentes, e pelo facto de algumas aberturas terem outras funções propostas, todas elas serão substituídas e atualizadas.

Todos os elementos interiores como paredes divisórias, escadas, e outros como corrimões ou guardas estão sujeitos a uma grande degradação e, no caso, serão retirados pelas suas condições precárias, instabilidade e impossibilidade de aproveitamento, notando que muitos tinham sido anteriormente demolidos pelos proprietários, deixados apenas os elementos estruturais que se apresentam como troncos de árvores e grandes rochas, na sua maioria.

### **4.3 Sustentabilidade na Requalificação**

As questões relacionadas com o desenvolvimento sustentável surgiram na segunda metade do século XX, quando as consequências das ações do Homem para o ambiente começaram a dar sinais como a diminuição da biodiversidade, a acumulação dos resíduos produzidos e a finitude dos recursos naturais. (Mateus e Bragança, 2006 como referido em Paiva, 2002). O conceito de sustentabilidade surgiu apenas nos anos 60 e,

em 1987, foi estabelecido “desenvolvimento sustentável” no Relatório Brundtland<sup>7</sup> que o define como o “processo que satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir as suas próprias necessidades”, (Relatório Brundtland, 1987, p.54) ou seja, implica preocupações sociais, sanitárias e de bem-estar do futuro, a integridade do ambiente, a qualidade de vida e a equidade entre populações. (Paiva, 2002) O desenvolvimento sustentável resume-se então em três principais dimensões, económica, social e ambiental e deve garantir o equilíbrio entre elas. A construção tem importância nestas três dimensões, sendo este um setor de grande peso na economia mundial, nas relações sociais e também na utilização dos recursos naturais. (Mateus e Bragança, 2006 como referido em Paiva, 2002) Consegue, por esta razão, provocar transformações nos habitats vivos, humanos e animais, e são essenciais planos estratégicos que façam destas transformações positivas, contrariando os níveis de produção de poluição e destruição de ambientes. (Martins, Reis & Fabricio, 2019)

Conhecendo-se os edifícios como elementos responsáveis pelo abusivo consumo mundial de combustíveis fósseis e emissão de gases com efeito de estufa e a construção como uma das importantes indústrias consumidora de recursos não renováveis, as obras, materiais e métodos construtivos devem ir de encontro a um combate deste fenómeno e contribuir para um baixo impacto ambiental. Então, no ano de 1994, nasceu a expressão “Construção Sustentável” para descrever as responsabilidades do setor da construção na sustentabilidade e explicar o surgimento da necessidade de avaliar os critérios da mesma, relativamente aos materiais, produtos e processos construtivos. (António Martins, 2014)

Com estes dados, conclui-se assim que deixa de ser benéfico investir em novas construções num país como Portugal, com grande número de edifícios abandonados, zonas antigas negligenciadas, com necessidades de intervenção, abrindo portas à reabilitação, requalificação e renovação de edifícios como estratégia de sustentabilidade, ao inverter o crescimento desmedido e prejudicial dos centros urbanos. (António Martins, 2014) O objetivo destas intervenções é resolver as anomalias dos edificados, pela sua manutenção ou reconstrução, tornando-os mais adaptados às suas funções, com mais qualidade e conforto e preservando o meio ambiente, através de materiais e técnicas comprovadas para este efeito. (Dinis, 2010 como referido em António Martins, 2014) Sobre esta questão, cada vez mais a construção apresenta preocupações pela utilização

---

<sup>7</sup> O Relatório Brundtland, também conhecido como o relatório Nosso Futuro Comum, é um documento da autoria da CMMAD, instituída pela ex-primeira ministra da Noruega, Gro Harlem Brundtland, em 1987, sobre a sustentabilidade ambiental do planeta Terra. (Pensamento Verde, 2014)

passiva da energia, dentro da pouca legislação nacional existente. (António Martins, 2014)

Para uma reabilitação sustentável, é fundamental estabelecer determinadas medidas a ser aplicadas em todas as fases do ciclo de vida dos edifícios desde a fase de análise, como a análise de aspetos históricos, do estado de conservação e segurança, de anomalias, materiais e aspetos de climatização; à fase de projeto e construção, como o uso dos recursos existentes e soluções económicas, a resolução das anomalias, a utilização de materiais e técnicas adequadas, a escolha da empresa construtora acertada, a proteção do património e envolvente e preocupações energéticas e de consumo; à fase de utilização, como a consciencialização dos utilizadores sobre os seus consumos; até à fase da desconstrução, como a gestão e reciclagem dos resíduos. (Dinis, 2010 como referido em Paiva, 2002)

A requalificação de edifícios antigos pretende sempre alcançar o equilíbrio entre a conservação da história e memórias do local e a criação de condições para a sua nova utilização, considerando os parâmetros de segurança, conforto e proteção ambiental. Tenta valorizar os princípios culturais, aceitando harmonicamente as novas soluções construtivas em vez das tradicionais.



## Capítulo 5

### O Espaço Intergeracional

#### 5.1 Conceito de Intergeracionalidade

Nos dias de hoje, o ritmo acelerado das rotinas, o desenvolvimento tecnológico e o desapego às tradições tornam o distanciamento entre gerações cada vez maior. É sentida uma crise humana que se manifesta da dificuldade na construção da identidade pessoal. Todo o campo social é afetado pelas mudanças nos aspectos culturais reveladas ao longo dos anos, pela influência da secularização, do pluralismo, da competitividade, da vontade de independência e do que é temporário. (Coutinho, 2010) Em consequência, surge uma perda da identidade individual e coletiva, dos laços e desigualdades sociais (Coutinho, 2010) que provoca assim um aumento da institucionalização das pessoas, colocadas em locais adaptados às necessidades de cada faixa etária específica, e até mesmo do seu isolamento. Como efeito de contradição, nasce um conceito intergeracional, de integração e convivência social, de aprendizagem e transmissão de valores e experiências que cria, no fundo, uma sociedade mais incluída e menos preconceituosa. (Silva; da Costa; Júnior, 2017)

O conceito de intergeracionalidade não surgiu de forma espontânea, sendo necessário, como o próprio nome refere, escrutinar os conceitos de geração e relações sociais, como afere Sara Teiga (2012) na sua investigação sobre a temática. A noção de geração tem uma conotação histórica e ampla, que abrange até várias definições. (Teiga, 2012) Pode ser considerada pelo grupo etário dos indivíduos (por exemplo, considerando-se crianças dos 0 ao 18 anos e idosos a partir dos 65 anos de idade) ou pelo período de tempo no qual nasceram (por exemplo os “millennials” que se consideram os indivíduos nascidos entre os anos 80 e metade dos anos 90). A principal diferença entre estes é determinadamente a geração que se atribui a uma pessoa. Enquanto que o primeiro conceito remete a que cada indivíduo passa por mais que uma geração ao longo da sua vida, o segundo conceito atribui uma única geração a uma pessoa durante todo o seu percurso de vida (de notar que as gerações que se enquadram neste conceito são, até à data, a geração dos Baby Boomers, X, Millennials, Z e Alpha). (Gulbenkian, 2018)

Apesar de, a um nível mundial geral, a Geração Z, composta por indivíduos nascidos entre 1995 e 2009 (na altura da publicação do estudo com idades entre os 8 a 22 anos), ser a porção mais significativa da população e que, já se espera, com tendência a aumentar cada vez mais, em Portugal, especificamente, o caso é diferente. (Durden, 2018)

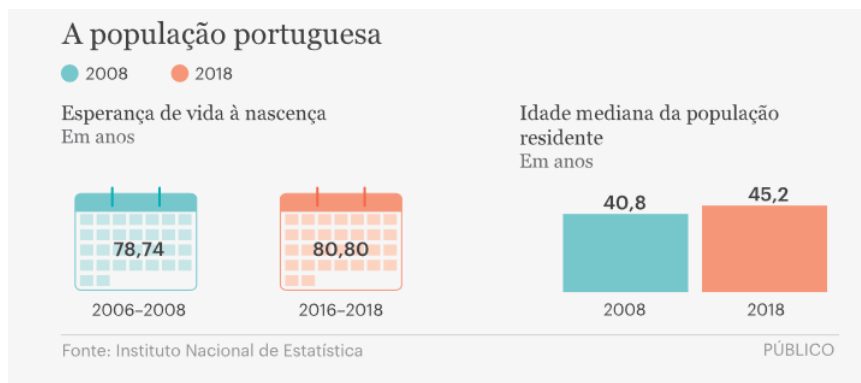


Figura 9 - Esquemas comparativos relativos à esperança média de vida e idade média da população portuguesa nos anos 2008 e 2018.

### Índice de envelhecimento em Portugal (estimativas e projecções)

N.º de idosos por 100 jovens

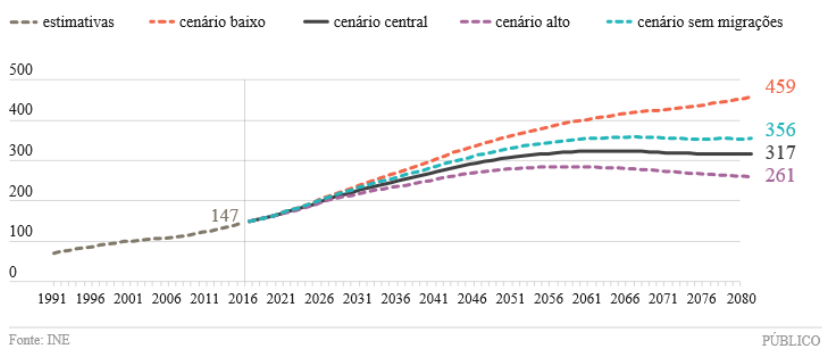


Figura 10 - Esquema relativo à proporção de idosos por jovens em Portugal

Os dados publicados pelo INE demonstram que há cada vez menos nascimentos que compensem o número de mortes em Portugal e que, ao ritmo a que se encontra, o país, no ano de 2080, terá apenas 7,9 milhões de habitantes. Isto representa um alto nível de envelhecimento, sendo que cada vez mais a idade média dos portugueses tende a aumentar e se estima que este movimento não se contrarie, visto que atualmente há cerca de 147 idosos por cada 100 jovens e que em 2080, esse número poderá duplicar. (Faria, 2019) Destes valores pode-se concluir que os idosos são elementos muito presentes e importantes da comunidade e é realmente necessário integrá-los nas atividades e eventos sociais públicos que os reúnam com pessoas de todas as idades e contextos sociais.

Um estudo feito pelo Search Institute and Lutheran Brotherhood<sup>8</sup> em 2002, intitulado “Grading Grown-ups” que, diretamente traduzido, significa “Avaliando Adultos”, concluiu que a maioria dos jovens e adultos dos Estados Unidos da América reconhecem a importância da ligação entre gerações, apesar de que as mesmas sejam cada vez menos comuns nas suas rotinas. Deste estudo foi retirada a informação de que 80% dos adultos questionados admitem a importância de ensinar valores e partilhar experiências suas aos mais novos, mas apenas 45% o pratica. (Great KIDS make Great Communities, s.d) Estas conclusões, apesar de pertencerem a um mundo amostral diferente do português, aplicam-se de forma relativamente idêntica, sendo que é perceptível um país onde os netos não partilham hábitos diários, semanais ou mesmo mensais com os avós e convivem apenas uma pequena parte dos seus dias com os pais.

Uma comunidade intergeracional é uma onde as pessoas de todas as idades podem utilizar programas e práticas de cooperação, interação e trocas entre si e em que todas as gerações podem partilhar os seus talentos e recursos, apoiarem-se entre si e à comunidade. Este movimento beneficia todas as gentes, os jovens e as crianças melhoram o seu comportamento, a sua envolvimento na escola e na sociedade em geral e adquirem um sentido de comunidade; os adultos aumentam a sua satisfação e o seu sentido de vida, contrariam o isolamento, ganham propósito ao se sentirem úteis à sociedade e perceberem que os seus conhecimentos têm valor para os demais, não esquecendo as novas relações e aptidões que adquirem; e a coletividade torna-se reconhecadora do património cultural e da importância das tradições e colabora em ações relativamente aos problemas públicos e de organizações. (Great KIDS make Great Communities, s.d)

O conceito de intergeracionalidade remete à interação social e recíproca entre pessoas de gerações diferentes, às suas relações e aos seus lugares, sem sentimentos de paternalismos e protecionismos, considerando as necessidades características e as capacidades diferentes de cada grupo etário, na tentativa de melhorar a qualidade de vida da comunidade em geral. (Silva; da Costa; Júnior, 2017) Com as aprendizagens oferecidas e recebidas pelas diferentes partes, que se dão pelo contacto com novas e diferentes realidades e pensamentos, é possível reduzir a disparidade entre as diferenças de idade, as noções de valores e os conhecimentos filosóficos e empíricos e até mesmo

---

<sup>8</sup> A Search Institute Lutheran Brotherhood é uma organização criada em 1960 com o objetivo de dar continuidade aos estudos e pesquisas científicos sobre a comunidade jovem em instituições religiosas, iniciados em 1958 por Merton Strommen. Atualmente tem diversos programas para ajudar famílias e jovens. (Search Institute, s.d.)

científicos, pela partilha de ideais, mas também de cultura e saberes. A transferência de ideologias por parte dos mais velhos oferece um maior entendimento do passado aos mais novos, pelo relato das suas histórias e experiências de vida, enquanto que a partilha pelos mais novos atualiza e convida o mais velho à sociedade atual. (Nieto & De Souza, 2014) Estas relações sociais criam um sentimento de inclusão e de pertença por e para ambas as partes e desencadeiam uma possível desmitificação de alguns conceitos errados acerca dessas gerações. (Coelho, s.d. como referido em Rodrigues, 2014)

Toma-se como caso exemplificativo o estudo feito por Sónia Rodrigues (2014), com alunos de 7<sup>o</sup> ano, estudantes do Externato Capitão Santiago de Carvalho<sup>9</sup>, em Alpedrinha, sobre a relação destas crianças e jovens com os idosos e as suas ideias sobre as mesmas. Os jovens questionados consideram que, apesar de ser clara uma ideia de “fardo” e dispensabilidade que a sociedade atual atribui ao idoso, este é, ainda assim, útil e importante pelos seus conhecimentos e história. É habitual ser transmitido a todas as crianças que os mais velhos são mais sábios e mais experientes e esse ideal transparece-se nestes resultados.

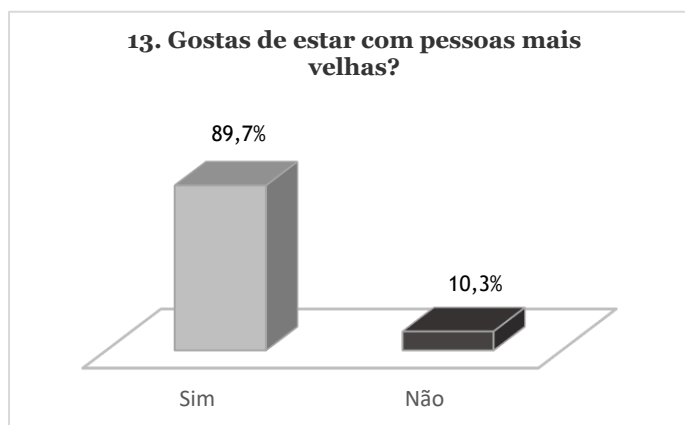


Figura 11 - Resultados obtidos do questionário relativamente à convivência entre jovens e idosos.

---

<sup>9</sup> O Externato Capitão Santiago de Carvalho é um estabelecimento de ensino da vila de Alpedrinha que, como é o caso da aldeia da proposta de projeto, faz parte do concelho do Fundão. Esta escola privada recebe alunos de várias aldeias e, desse modo, o estudo apresentado reflete, de certa forma, as opiniões dos jovens de todo o concelho.

Tabela 1 - Resultados obtidos do questionário relativamente às atividades que reúnem jovens e idosos.

<b>15. Pensas que os mais velhos devem conviver e desenvolver atividades com as crianças/jovens?</b>	<b>7º ano ECSC</b>
Sim	96,6%
Não	3,4%
Não respondeu	0%

Tabela 2 - Resultados obtidos do questionário relativamente às relações entre jovens e idosos.

<b>17. Consideras que quando estás com pessoas mais velhas:</b>	<b>7º ano ECSC</b>
Podes aprender com elas	48,3%
Não aprendes nada e perdes tempo	1,7%
Não gostas de estar com elas	0%
Elas podem aprender contigo	46,6%
Outra	0%
Anulado	1,7%
Não respondeu	0%

Praticamente a totalidade dos jovens questionados considera importante a sua convivência com idosos e a realização de atividades com eles e, no geral, gosta do tempo que passam juntos. Como se pôde verificar no estudo de Rodrigues (2014), os jovens sentem que, destas interações, conseguem absorver e também transmitir conhecimentos para os mais velhos. Assim, pode concluir-se que os jovens da zona do Fundão reconhecem a importância e crédito merecidos pelos mais velhos, pelas suas histórias, passado, experiências de vida e saberes e a mais valia que é a sua partilha. Aceitam e apreciam as atividades que reúnem as diferentes gerações e as vantagens que as mesmas trazem a si e ao idoso.

## **5.2 O Espaço Pensado para Todos**

Relativamente à velhice, um ambiente familiar é o mais indicado para uma vida ativa, saudável e autónoma, existem, porém, outras alternativas de integração positivas, tais como espaços de convívio para elementos de diferentes gerações onde se realizem atividades físicas e recreativas como workshops, durante determinados períodos do dia. Os espaços destinados aos idosos devem possuir respostas às necessidades físicas e sociais que estes possuem, considerando a acessibilidade, o conforto e a relação entre o

interior e o exterior, com atenção também às cores, texturas e sinalização. (Silva; da Costa; Júnior, 2017)

Para as crianças e o seu desenvolvimento, as relações afetivas são fundamentais pois desenvolvem autonomia e encadeiam novas experiências. É provado que o adulto assume um papel essencial no desenvolvimento da criança, facilitando e oferecendo educação, valores sociais e humanos e respeito, que devem ser recíprocos. Um espaço ideal para uma criança é um espaço educativo e simultaneamente recreativo, de aprendizagem e comunicação das crianças entre si e com as outras gerações, e deve promover a variedade de zonas pelas suas diferentes funções e atividades que acolhe e zonas exteriores e interiores. (Silva; da Costa; Júnior, 2017)

As atividades intergeracionais pensadas para a comunidade devem atender à total dignidade de todas as pessoas, à sua abertura aos outros e a uma coexistência harmoniosa e à sua relação com os espaços envolventes. (Coutinho, 2010) Estes espaços que integram os ideais de intergeracionalidade devem ser pensados a um nível de planeamento urbano, sendo apropriado um espaço público aberto a todos, que encoraje as ligações, aprendizagens e sentido de comunidade e herança, não esquecendo o desenvolvimento individual e social. São espaços de intervenção essenciais a relações intergeracionais, as centralidades. Áreas centrais da malha urbana geram por si só encontros naturais entre as pessoas e oferecem abertura visual e comunicação dos elementos circundantes. Nestas zonas a propósito para interações e fluidez de dinâmicas, é essencial um ambiente convidativo e capaz de cativar os intervenientes e os fazer sentir incluídos no espaço. (Nieto & De Souza, 2014) A arquitetura aplicada à intergeracionalidade deve ser adaptada e funcional, dando prioridade às atividades e contactos das pessoas, quer em espaços interiores ou exteriores, amplos ou mais fechados, seguindo algumas considerações. (Silva; da Costa; Júnior, 2017) Relativamente à localização e aos seus acessos, estes têm que ser facilitados e sem obstáculos, com a ocorrência de pouco tráfego por causa, principalmente, das crianças e idosos; a sinalização dos espaços tem que ser clara para uma boa circulação e dinâmica no seu interior; os funcionários dos espaços têm que ter uma estrutura e personalidade adaptadas e apropriadas aos utilizadores; e os espaços interiores e exteriores seguros, interligados e com visibilidade para a vigilância das atividades. (Cini, 2010) As áreas verdes, por exemplo, são importantes pois proporcionam descanso e contacto com o ambiente exterior e a natureza e, assim, ajudam à redução do sentimento de isolamento. (Silva; da Costa; Júnior, 2017)

## Capítulo 6

### Casos de Estudo

São inúmeros os casos de reabilitação em Portugal que resgatam edifícios, na sua maioria, de habitação, abandonados, e os transformam em espaços modernizados, quer seja com a introdução de um programa funcional atual, quer seja com a aplicação de novos materiais em contraste ou harmonia com os mais antigos existentes. Foram selecionados três exemplos para casos de estudo, destacando apenas o mais relevante de cada um, que pudessem incorporar, um o programa intergeracional e comunitário pretendido e como este integra um espaço antigo e inutilizado num contexto de aldeia ou vila rural; outro com a programática cultural, de artesanato com as oficinas, que inspirasse o conceito da troca de conhecimentos, utilizando também um espaço abandonado e requalificado com uma função original muito diferente da que se pretende e por fim um terceiro, com a relação da materialidade desejada para a proposta de projeto, a mistura de materiais naturais e a relação da pedra e da sua essência bruta com o vidro leve e translúcido.

#### 6.1 Salão Comunitário em Lungiarü

O primeiro caso de estudo é um salão comunitário projetado pelos SIRS Arquitetos. Localizado em Lungiarü, uma pequena aldeia italiana com cerca de 600 habitantes, o projeto é recente e surgiu com a necessidade de infraestruturas públicas que acompanhassem o crescimento do turismo rural sentido na aldeia, enquanto melhorassem igualmente a oferta de serviços aos moradores. Com uma área de cerca de 500 m<sup>2</sup>, serve de complemento anexo ao edifício que alberga a junta de freguesia, escola e correios e consiste numa nova construção com arranjos exteriores que a ligam a uma rua mais alta. O novo projeto, que se fundamenta na demolição de uma parte da pré-existência, é composto por um bar e um salão multifuncional para eventos vários e utilizado pela escola adjacente como espaço de desporto no piso 0 e salas de serviços como sala de estudo, sala de reuniões e cozinha de apoio ao bar no piso -1. (Pintos, 2020)



Figura 12 - Salão Comunitário em Lungiarü: Relação com o existente.

O espaço multifuncional consegue adaptar-se a praça pública exterior, com a abertura das grandes portas de vidro que apresenta num dos lados, para eventos locais. Esta praça acompanha a topografia existente com grandes degraus e bancos, criando uma espécie de arena que une o espaço, anteriormente cercado com guardas que a demarcavam da rua, para uma maior abrangência à população para celebrações grandes ou para uso diário como espaço urbano, no sentido de atrair moradores e turistas para este novo ponto de referência da aldeia. (Pintos, 2020)



Figura 13 - Salão Comunitário em Lungiarü: Antes e depois da intervenção.

A geometria e os materiais da nova construção, respeitam a linguagem tradicional dos edifícios em volta, de forma a garantir a proteção das características da aldeia, porém, os seus grandes envidraçados garantem-lhe uma essência contemporânea e atualizada. A estrutura principal do edifício é em betão armado e a sua cobertura, assimétrica, relaciona uma estrutura metálica com vigas em CLT, de madeira local, utilizada também para os revestimentos de pavimentos e paredes exteriores, assim como para os caixilhos e pormenores de interiores. Os degraus que definem a extensão da praça exterior são em betão armado pré-fabricados que criam bancos com assentos em madeira. (Pintos, 2020)

O propósito de renovação e revalorização do espaço e da aldeia em geral, de atualização dos serviços em falta e acolhimento de todas as pessoas como seu utilizador diário, são os aspetos que tornam este projeto uma referência à proposta. Apesar de se localizar num outro país, o mesmo não é muito díspar de Portugal, principalmente pelas suas aldeias, de cariz muito rural. Tal como o caso prático, os ideais de comunidade e memória com a criação de espaços comuns em zonas antigas são o que se destaca no projeto e a preocupação com a preservação da linguagem e características da envolvente têm relação direta com a aldeia, a essência rural que atrai os turistas, a reunião dos habitantes de todas as idades e a celebração da sua história e vida.

## 6.2 NuMOAS

O NuMOAS ou Núcleo Museológico e Oficina de Artesanato da Sertã nasceu em 2016, de uma iniciativa da autarquia local e da AproSer<sup>10</sup> e utilizou, para o seu programa, o edifício abandonado da antiga Escola Primária Conde Ferreira, partilhando-o com a atual Junta de Freguesia da vila. A construção é de grande relevância na história do local, tendo sido a primeira escola do concelho e foi assim reabilitada, pretendendo manter o seu desenho exterior, deixando-o idêntico ao original, de paredes em xisto e coberturas em telha lusa, com suporte em madeira, e com os pináculos de pedra originais, ainda sobreviventes. (Câmara Municipal da Sertã, 2016) O seu interior, por outro lado, foi renovado, apresentando outra organização do espaço, adequada ao programa expositivo, e utilizando novos materiais para os pavimentos, com soalho em madeira, caixilhos em alumínio e paredes rebocadas, apesar de ter sido criada uma ligação com a pré-existência, com algumas partes da pedra original em vista e as portadas antigas recuperadas.



(a)



(b)

Figura 14 - NuMOAS: Vistas exteriores e interiores.

---

<sup>10</sup> AproSer é uma Associação local na qual está inserido o Grupo de Artesãos do Concelho da Sertã, do qual fazem parte os artesãos envolvidos no projeto.

O projeto deu resposta à falta de um espaço expositivo do material cultural artístico da região e, assim, surgiu este programa que se distribui em zona de exposição, oficinas divididas por áreas, sendo elas a zona da madeira, da cortiça, do linho, dos têxteis e do xisto e a zona de venda das peças criadas. Nestas oficinas trabalham cerca de dez artesãos da vila, apesar de ser aberta à utilização pela população em geral. A interação entre visitantes e os artesãos que partilham os seus ofícios, respondem a perguntas, contam histórias sobre as suas peças e sobre as suas vidas, cria uma relação de união e comunidade neste espaço. Aberto ao público, oferece um serviço à vila, com workshops e feiras de artesanato e, simultaneamente, apela ao estudo e preservação do património cultural, tradições e artesanato, numa forma de o dinamizar, contribuindo também para a economia do concelho. (Câmara Municipal da Sertã, 2016)

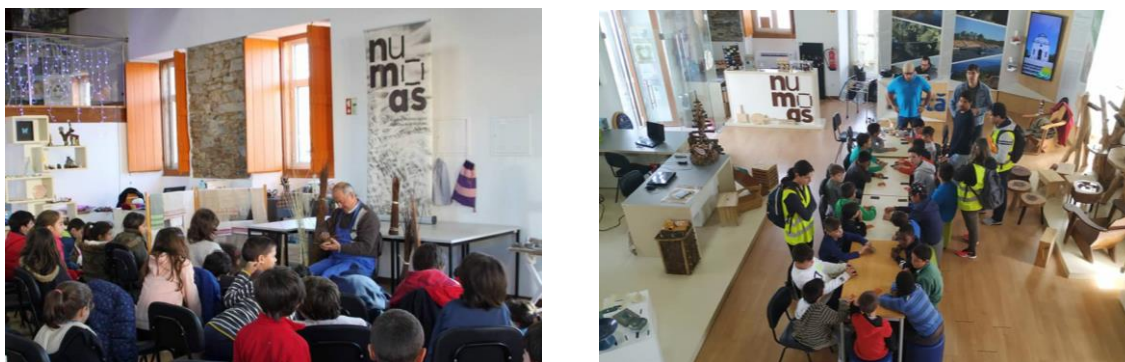


Figura 15 - NuMOAS: Atividades intergeracionais realizadas.

Este projeto serviu de inspiração para a proposta, principalmente pelo contexto geográfico rural em que se insere ser semelhante ao de Pêro Viseu e pela resposta positiva que a intervenção e o programa têm apresentado. A interação entre os artesãos locais com as crianças que visitam o espaço em contexto escolar ou com as famílias e os turistas que se interessam pela cultura de regiões como esta e os conhecimentos que são adquiridos e as memórias que são criadas, são os grandes propósitos da Casa das Gerações.

### **6.3 Casa Rural em Espiunca**

A Casa do Paúl, uma casa rural pela ABprojectos, situa-se na aldeia de Espiunca, em Arouca, perto do Rio Paiva, num local que ainda conserva e protege as suas qualidades rurais. (ABprojectos, 2016) O terreno onde está situada a intervenção é caracterizado por dois edifícios em alvenaria de xisto com coberturas tradicionais do mesmo material, apresentando-se como típicos da região. Estas construções, originalmente destinadas para a função de habitação e palheiro, e posteriormente abandonadas, foram transformadas em alojamento para turismo rural. (ABprojectos, 2016)

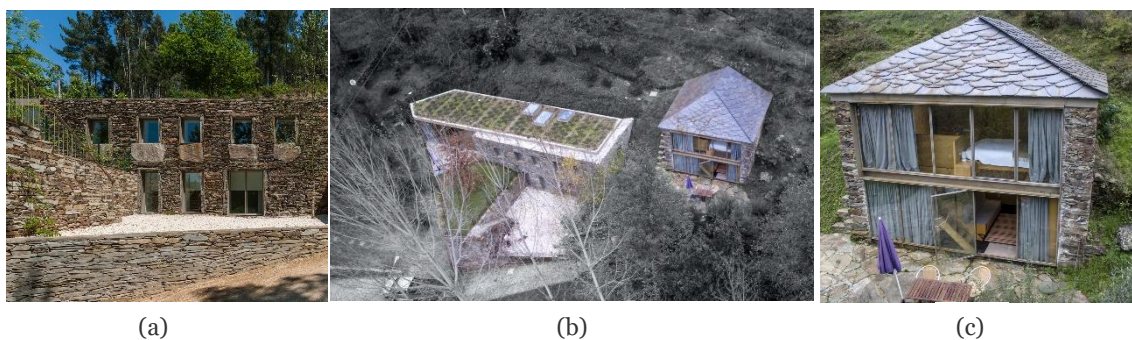


Figura 16 - Casa Rural em Espiunca: Vistas exteriores.

Não querendo quebrar por completo a linguagem da envolvente, foi projetada uma reabilitação e ampliação dos edifícios, atualizando-os e adaptando-os aos princípios de conforto atuais. Para respeitar as características das construções originais na nova intervenção, foram demolidos os acrescentos e alterações posteriores à primeira obra, que não obedeciam às linhas pretendidas. (ABprojectos, 2016)

Tendo em vista a integração da construção na paisagem, respeitando o antigo e a sua memória, decidiu-se assim, no volume principal, uma ampliação que não os contraria, com um material limpo, leve e com transparência. Nesta lógica, as paredes exteriores mantiveram-se com o seu material original, em xisto, em contraste com a nova ampliação, envidraçada com caixilharias de ferro. (ABprojectos, 2016) Com um pensamento sustentável, o reaproveitamento e o recurso a materiais locais foi um fator considerado, para além da utilização de grande eficiência energética que favorecem um maior conforto ambiental. (Casa do Paúl, s.d.) A fachada consegue transmitir a organização espacial do interior, sendo que as paredes originais, pesadas e maciças, contêm na sua área os espaços mais privados como os quartos e as áreas mais públicas de sala e cozinha foram colocadas no novo espaço que garante a comunicação entre espaços e com o exterior pela transparência conferida pelo vidro. A zona privada é composta por três suites, distribuídas pelos dois pisos que comunicam entre si por um lanço de escadas a sul. (ABprojectos, 2016)

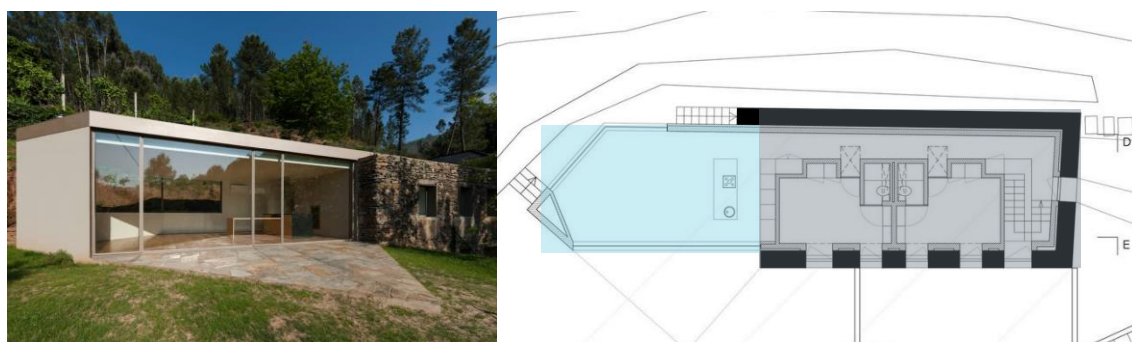


Figura 17 - Casa Rural em Espiunca: Relação antigo/novo.

Para o edifício do palheiro, devido à sua área reduzida, foi projetado um estúdio polivalente, que, tal como o edifício principal, preserva as suas paredes exteriores em xisto e tem a sua cobertura totalmente recuperada. O interior, por outro lado, apresenta uma imagem completamente diferente da antiga tradicional, inteiramente revestida em madeira de pinho, criando um ambiente agradável e de conforto ao utilizador e não se sobrepondo à força estética da ardósia aparelhada das paredes exteriores. Está dividida em dois níveis, o quarto e casa de banho que estão situados no piso superior e as zonas públicas de estar, no piso inferior, ligadas a um espaço exterior amplo que servia de uma antiga eira. (ABprojectos, 2016)

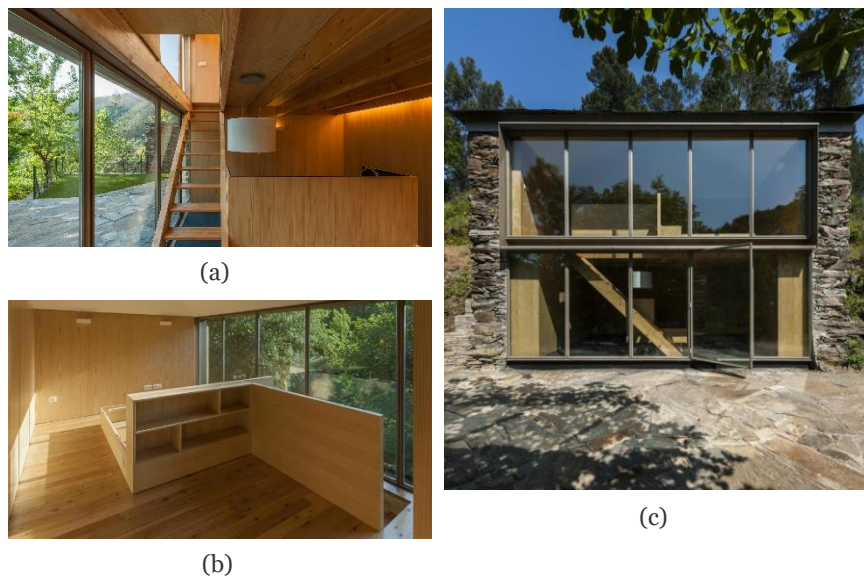


Figura 18 - Casa Rural em Espiunca: Relação interior/exterior.

A relação entre a construção pré-existente antiga e a extensão moderna e a forma como se adaptam e complementam está ligada ao caso prático que utiliza a nova estrutura encaixada nas paredes de pedra antigas para criar o programa social pretendido. A extensão das paredes envidraçadas, tal como neste caso de estudo da Casa do Paúl, oferece alguma regularidade e contemporaneidade ao volume, sem o ofuscar, e estabelece relações visuais aos visitantes que permitem a comunicação entre o espaço interior e o exterior e entre os serviços individuais e as dinâmicas coletivas.

## Capítulo 7

### Proposta: A Casa das Gerações

#### 7.1 A Situação Atual

##### 7.1.1 O Problema e Necessidades Existentes

Pêro Viseu não tem, no seu núcleo, um espaço aberto e verde. Quaisquer jardins ou parques estão localizados nos extremos da aldeia, desenhando um povoado denso, de ruas estreitas, de difícil circulação que se pode tornar, de certa forma, claustrofóbico. Como consequência, as pessoas que querem conviver ou passar algum tempo numa zona ampla, com pouco tráfego, mais segura e de contacto com a natureza, tendem a preferir encontrar-se fora do centro urbano, nas zonas verdes dos limites da aldeia, onde existem poucos ou nenhuns serviços.



Figura 19 - Mapa de zonas verdes de Pêro Viseu.

Os espaços naturais e a fauna e flora que lhes pertencem integram fatores fundamentais que influenciam a constituição de modelos urbanos equilibrados e a qualidade da vida comunitária. Cada vez mais é evidente a evolução dos planos de organização urbanos onde a natureza se reconhece como o elemento compositor simbólico que faz a ligação dos espaços às suas memórias e valores culturais. O esquecimento dos espaços e o seu aproveitamento exclusivo para circulação, como se verifica no caso prático, são exemplos de causas e também consequências das alterações verificadas no ambiente urbano no qual se verificam situações de degradação, falta de infraestruturas e equipamentos e

carência de conforto. As condições de qualidade urbanas resultam então das ações humanas e das relações sociais e económicas sentidas e têm de ser assumidas pela solidariedade entre gerações que consiga garantir o usufruto responsável das condições ambientais que utilizam. (Fadigas, 1996)

O Largo do Chafariz, sendo um espaço central do povoado, tem potencial para trazer um ambiente verde natural para o centro urbano e criar nele um espaço de estar. Com isto em consideração, a proposta de projeto pretende implementar um espaço aberto com vários elementos verdes como canteiros com árvores e plantas naturais e uma zona de descompressão para as pessoas que, ao percorrer as ruas, encontrarão um local para parar e ficar no centro da aldeia que foi, outrora, o centro das vivências da população, agora esquecido.

O casario que compõe o largo em questão para a proposta de intervenção mantém-se atualmente sem condições, inutilizado e largado da memória pelos habitantes que simplesmente se acomodaram à sua presença ruidosa no centro da aldeia. Aproveitar e melhorar este local e esta construção seria trazer vida ao interior deste bloco inanimado e, assim, trazer vida ao largo e à “terra”.



Figura 20 - Esquícios da intenção de um espaço com elementos verdes no centro urbano na intervenção.

### 7.1.2 Estado e Funções Atuais do Edificado

No caso prático, persiste o vestígio de uma arquitetura que pode ser considerada ainda vernacular, do século XIX, de autores sem formação teórica e baseada exclusivamente em ensinamentos práticos e interpessoais e a experiência prática. Como é norma neste tipo de arquitetura, a decisão da forma está em torno da sua função, dos materiais e também das técnicas da região onde está localizada a obra. O casario, com cerca de 260m<sup>2</sup> é composto por duas construções principais, de proprietários diferentes, que se distinguem visualmente pelos acabamentos das suas fachadas. O interior de cada uma destas construções encontrava-se dividido em diversas áreas, fechadas entre si, que partilhavam uma mesma cobertura e desvão e nas quais estão algumas das divisórias,

destruídas e desconectadas, neste momento. As funções destas áreas seriam independentes entre si, ao serem acessíveis por portas exteriores diferentes.

O estado de conservação do edificado é deficiente. Um dos edifícios, com cerca de 130 m<sup>2</sup> não foi, de todo, restaurado, mantendo a sua essência vernacular original, com paredes e lajes em pedra granítica e janelas e portas em madeira, que nunca foram substituídas. O outro edifício, voltado para o largo, foi sujeito a uma reabilitação das suas fachadas, tendo estas sido rebocadas, sem qualquer pintura ou tratamentos adicionais, e as janelas e portas foram substituídas por outras idênticas de madeira, apesar destas melhorias não terem sido aproveitadas por qualquer utilizador e já se apresentarem novamente degradadas.



Figura 21 - Fotografias do exterior do casario.

Acoplado ao edificado existe um pequeno tanque, o “Chafariz dos Burros”, que caracteriza o largo e que servia, no passado, de sistema de armazenamento de água aos animais de carga dos habitantes, daí o seu nome, e, até há poucos anos, como elemento de um ritual de iniciação pela Banda Filarmónica de Pêro Viseu, num evento anual público que também já não é realizado. Pelo carácter do chafariz e a relação direta que lhe é atribuída pela população ao espaço, este elemento quis manter-se intacto na proposta de intervenção.

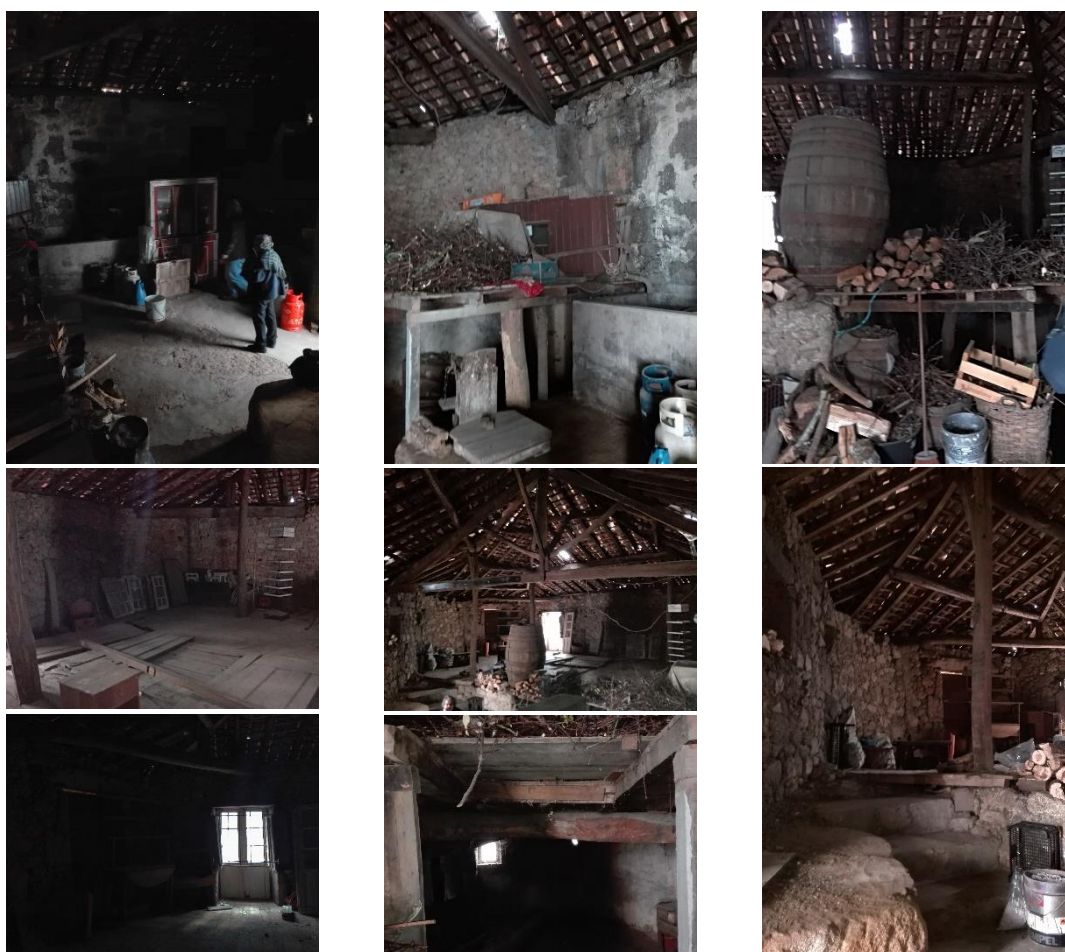


Figura 22 - Fotografias do interior do edifício de pedra que compõem o casario.

## 7.2 A Proposta – Abordagem Geral

### 7.2.1 Testemunhos, Opiniões e Sugestões da População

Foram analisadas as dinâmicas diárias da população, durante o decorrer de algumas semanas, e também conversas e questões feitas a alguns visitantes e habitantes da aldeia, tanto jovens como mais velhos, sendo este um aspeto essencial para uma análise mais realista da importância da hipotética intervenção. Com este estudo, chegou-se à conclusão de que Pêro Viseu, tal como as aldeias confinantes, é envelhecida, com muitos edifícios antigos que estão abandonados há vários anos e com pouco movimento, apesar das recentes chegadas e estabelecimentos por casais jovens estrangeiros, que escolheram a aldeia para viver, e muitos visitantes que preferem, cada vez mais, o turismo rural e a experiência do campo.

Partindo dos relatos e opiniões de alguns habitantes e também da própria experiência da autora, como residente e descendente de residentes, tornam-se um tanto perceptíveis as dinâmicas desta aldeia. Os mais idosos encontram-se pelas ruas, a caminho dos seus afazeres nas hortas, que lhes ocupam a manhã, vão tomar café, conversam, e durante a

tarde ora voltam para as suas hortas ora ficam em casa, sem quaisquer outras atividades não domésticas para os ocupar. Por parte do grupo de entrevistados de mais idade, foi muitas vezes perceptível a existência de um certo constrangimento da sua parte ao entrar num novo espaço, como um café ou loja, e um sentimento de desconforto e falta de proteção e aceitação. Está então em falta na aldeia um espaço acolhedor e seguro onde os mais velhos possam estar calmamente e onde possam ter visibilidade e abertura para contarem as suas histórias e partilharem memórias entre eles e para os outros. Os pais e avós apontaram a questão das crianças, que estão na escola, terem poucos sítios para passar os seus tempos livres, escolhendo ora as ruas onde vivem, ora o Parque do Serrado que tem um pequeno parque infantil, mas que está localizado num dos limites da aldeia, onde não está nem passa muita gente e que não é vigiado ao longo do dia. As opiniões de algumas crianças questionadas sobre este assunto resumem-se à necessidade de um local para estarem com os amigos e em que possam estar sem os pais, mas em segurança. Faltam assim espaços onde os mais novos estejam protegidos e se sintam seguros numa zona aberta à comunidade, onde se possam juntar para fazerem os seus trabalhos escolares juntos e tenham um sítio abrigado onde possam conviver em qualquer altura do ano. Em geral, há a perceção que faltam na aldeia, sobretudo, espaços onde as famílias se possam reunir por algumas horas confortavelmente e espaços em que os mais velhos se possam encontrar e participar em atividades recreativas diferentes das suas ocupações rotineiras.

Com base na generalidade das opiniões e sugestões recolhidas, este trabalho visa a apresentar uma solução que contemple um espaço onde as pessoas de todas as faixas etárias sejam bem-vindas, se sintam bem e interajam entre si e em que haja a integração e convivência não só de todas as gerações, mas também de todas as nacionalidades e contextos familiares e económicos no mesmo espaço, seguindo o conceito de intergeracionalidade e comunidade e reconhecendo e utilizando a importância da arquitetura projetada para este propósito.

### **7.2.2 Modelo Universal para Aldeias do Concelho**

Inspirado no caso da aldeia de Pêro Viseu e no impacto que a proposta de intervenção pode vir a ter na mesma, surgiu a intenção da projeção de um modelo com uma linha orientadora comum a ser possível de integrar em várias aldeias da proximidade, tendo sempre em consideração a diversidade de situações que cada uma apresenta, que podem assim vir a enriquecer de inúmeras formas. Assumem-se os reais e atuais problemas que a maioria das aldeias portuguesas está a viver e as suas maiores necessidades, que se são comuns e se resumem na necessidade de dinâmicas mais atuais, no combate contra a sua

descaracterização, no apoio ao artesanato e ofícios tradicionais e desenvolvimento económico, na atração turística e fixação das populações, em espaços comunitários funcionais e na ativação de lugares abandonados ou em vias de abandono. Assim, consolidando a generalidade destes problemas, pretendeu-se desenvolver um programa universal que invista no património, em infraestruturas ou locais com memória que potencializem o desenvolvimento turístico das aldeias e aumentem a qualidade de vida das suas populações, que invista na criação de empregos e no desenvolvimento económico das aldeias e que invista também nas questões mais imateriais, de relações sociais. (Ferreira, 2011)

É proposto neste trabalho um programa abrangente que reúne os esforços dos habitantes das aldeias, principalmente os jovens, pelas suas ideias atuais, o seu espírito dinâmico e energia, para intervir e modernizar locais que foram, outrora, seus símbolos distintivos. Com isto, torna-se possível um avanço no tempo e no estilo de vida das pessoas, um maior bem-estar e comodidade das mesmas, respeitando, contudo, as marcas e valores deixados pela terra e pelos seus antepassados, que construíram a sua identidade e que permanecem nas memórias das pessoas. (Ferreira, 2011)

De uma forma mais aprofundada, este modelo pretende respeitar as diferentes estratégias e delineações gerais assinaladas por Margarida Moreira, Catarina Camarinhas e Luísa Paulo (2003), da Universidade Técnica de Lisboa, que seriam, posteriormente, pensadas e aplicadas conforme o caso mais específico de cada aldeia. Relativamente ao caso prático da aldeia de Pêro Viseu, e para uma melhor compreensão da adaptabilidade destas estratégias à intervenção e programa propostos, foi realizada uma análise SWOT<sup>11</sup> para determinar os pontos mais vulneráveis, os riscos e as mais valias que influenciam a sua concretização, que partem então dos seguintes pontos gerais:

- Qualificação dos espaços públicos, com o arranjo ou criação de praças, largos e respetivo mobiliário urbano; (Moreira, Camarinhas, & Paulo, 2003)

S – A localização central e com fáceis acessos do largo a intervir.

---

<sup>11</sup> O termo SWOT é originado das iniciais das palavras inglesas “Strengths”, “Weaknesses”, “Opportunities” e “Threats” que pode ser traduzido por FOFA, ou seja, “Forças”, “Oportunidades”, “Fraquezas” e “Ameaças”, e utilizado como ferramenta simples de análise de uma determinada situação, para definir decisões futuras, em função de um objetivo. Esta análise parte de fatores internos, sob os quais se tem controlo, e de fatores externos, sob os quais não se tem controlo, como a economia ou legislação, por exemplo. (Integrated Management Business Solutions, 2018)

W – O espaço em causa ser fechado, no sentido de existirem construções em toda a sua volta e ser de dimensões reduzidas.

O – A pré-existência do Largo do Chafariz.

T – Possibilidade da falta de permissão por parte da Junta de Freguesia de intervir no largo.

O caso prático pretende partir da vantagem que representa a existência do Largo do Chafariz que apresenta, no geral, boas condições de manutenção e está bem localizado, e fazer algumas melhorias, não só com a sua ampliação mas também com a colocação de mobiliário urbano em falta ou atualização do existente, com iluminação correspondente ao da proposta na Casa das Gerações, numa intenção de integração do espaço existente melhorado com o novo construído; árvores e plantas para sombreamento e relação com elementos naturais e zonas para sentar com bancos em granito, que acompanhem os materiais locais e a linguagem da construção proposta. Todos os demais elementos de mobiliário urbano como suportes para estacionamento para bicicletas e caixotes do lixo estão também planeados para maior conforto dos utilizadores no largo.

- Valorização do Património, pela recuperação de edifícios e locais de interesse; (Moreira, Camarinhas, & Paulo, 2003)

S – A centralidade do edifício e do lugar de implantação.

W – O estado de conservação fragilizado do edifício.

O – Leis e incentivos de reabilitação e requalificação urbana.

T – Falta de disposição dos proprietários para vender os edifícios para intervenção.

O projeto visa à criação de um símbolo para a aldeia, não só pela construção do novo edifício, como pelo arranjo do Largo do Chafariz, que representa um espaço de memórias para a população. É este largo o elemento fulcral da proposta, razão pela qual o maior interesse se apoia na melhoria das suas condições. A recuperação total do edifício não é concretizada, pelas muito más condições, não só de degradação dos materiais como do próprio desenho e organização de interiores que se apresenta insustentável. Encontrando-se a construção proposta para demolição, abandonada e sem se apresentar com destaque ou valorização pelos donos, autarquias locais ou população em geral, sobrepõe-se a recuperação da essência do local do largo, à totalmente idêntica recuperação física do edifício, procurando conseguir uma abertura e melhor definição dos espaços que o compõem.

- Dinamização Cultural, com a criação de espaços de museu e exposição de artesanato; (Moreira, Camarinhas, & Paulo, 2003)

S – Apropriação dos tipos de espaços e atividades propostos com as necessidades atuais da população.

W – Dimensões reduzidas do espaço a abranger o novo programa.

O – Existência de várias faixas etárias e grupos sociais na aldeia.

T – Tendências de inércia e sedentarismo da população em geral, na atualidade.

São propostos espaços de oficina e exposição do artesanato criado *in loco* pela população. É um objetivo da intervenção que seja também feita uma dinamização cultural pela criação de uma biblioteca e salas de estudo apropriadas para aulas e workshops, que pretende abranger toda a comunidade, faixas etárias e estatutos sociais.

- Dinamização Turística, com a criação de postos de turismo e alojamento local; (Moreira, Camarinhas, & Paulo, 2003)

S – Reconhecimento turístico da aldeia no concelho devido à existência de um estabelecimento de alojamento local, a Casa da Eira.

W – Falta de um posto de informações turísticas físico na aldeia.

O – Aumento da procura do turista pela experiência do estilo de vida rural.

T – Alterações da situação económica do turista e das *trends* no turismo.

O alojamento local, para o caso da proposta, não corresponde às necessidades da aldeia, devido à existência de uma casa rural com bastante capacidade e influência, enquanto que o posto de informações turísticas em falta pode, por exemplo, ser integrado nos balcões de receção do espaço construído. O interesse turístico pode ser garantido pelas condições oferecidas pela proposta da Casa das Gerações e pelo próprio ambiente vivido no largo renovado.

- Melhoria das Acessibilidades, com a substituição ou arranjo dos caminhos de acesso; (Moreira, Camarinhas, & Paulo, 2003)

S – Boas condições dos acessos existentes.

W – Condição livre em que os automóveis e motociclos podem circular, parar e estacionar no largo, sem marcas rodoviárias.

O – Existência de vários acessos ao largo, percorríveis e sinalizados.

T – Atravessamento do largo por veículos motorizados e má visibilidade a partir dos acessos, rodeados de construções altas.

As acessibilidades conseguem ser melhoradas com a marcação das vias e com o controlo do estacionamento de veículos motorizados dentro do largo, atualmente livre, tendo-se tornado até a sua principal função. São também propostos separadores para o estacionamento de bicicletas, que incentivam a sua utilização.

- Favorecimento das Infraestruturas, pela remodelação das redes de abastecimento de águas, elétrica e de comunicação. (Moreira, Camarinhas, & Paulo, 2003)

S – Existência de ramais de abastecimento no edificado.

W – Rede de abastecimento dentro do edificado cortada.

O – Existência de redes de abastimento de água, saneamento e eletricidade no largo e nos edifícios envolventes e instalação de fibra ótica em toda a aldeia.

T – Não se verificam ameaças neste ponto, sendo que se trata de uma questão maioritariamente relacionada com fatores internos, e que a questão pública de abastecimento no largo se encontra positiva.

Com a proposta, as redes de abastecimento serão, necessariamente, atualizadas para o novo edifício.

Com a análise realizada, conclui-se que este projeto de intervenção é possível, com as devidas permissões por parte dos proprietários e autarquias locais para a manutenção do Largo do Chafariz e demolição e requalificação do edificado. Tirando partido da existência, boa localização e acessos do espaço de largo, procura do turismo rural e da diversidade etária de Pêro Viseu, este programa foi escolhido pelo seu potencial em trazer, acima de tudo, mais qualidade de vida à aldeia.

Partindo das linhas orientadoras apresentadas, propõem-se, para o plano mais geral, soluções programáticas que respondem às necessidades do espaço rural e que compõem, então, o modelo universal para as aldeias do concelho:

- A existência de uma praça ou largo por reabilitação ou construção nova;
- A criação de lojinhas do artesanato com um espaço reservado aos residentes que possam expor e vender as suas peças ao público;
- A criação de uma biblioteca com espaços de estudo, workshops e aulas;
- A criação de um espaço multifuncional que receba espetáculos e eventos de vários tipos.

Estas conveniências atendem às necessidades culturais, turísticas e de requalificação do espaço público, atraem mais jovens, trazem uma nova vida a espaços abandonados e

proporcionam um maior desenvolvimento para a população a nível de educação, economia e convivências.

Sublinhando que, neste trabalho, apenas se desenvolverá o caso da intervenção na aldeia de Pêro Viseu que segue as delineações de revitalização já referidas e as linhas orientadoras do modelo universal, adaptadas às suas necessidades, condicionantes e características específicas.

### **7.3 A Proposta – Caso Específico-**

A ideia da proposta da Casa das Gerações nasce sobretudo a partir do local, o Largo do Chafariz, e da sua marca no passado das pessoas da aldeia. Passa, de seguida, para o programa intergeracional universal, o programa modelo criado para as aldeias, e depois então para o programa intergeracional específico para o edifício. O casario em causa foi escolhido apenas pelas condições que apresenta, não só pela sua centralidade no espaço, como também pelo seu estado de abandono e degradação, tendo em conta os outros edifícios pertencentes ao largo serem habitados e habitáveis ou terem proprietários que os usam regularmente para outros propósitos. De considerar que não foram disponibilizados quaisquer desenhos dos edifícios atuais, visto que estes são muito antigos e sem projeto, construídos e alterados conforme as necessidades dos proprietários. Houve mesmo a impossibilidade de entrar e ver o interior de uma das construções, devido à indisponibilidade dos proprietários que vivem no estrangeiro. Foi, porém, confirmado o seu grande estado de degradação e de inexistência de alguns elementos interiores, por algumas pessoas da aldeia. Assim sendo, existem apenas registos fotográficos dos espaços exteriores e do interior do edifício a sul e descrições dos espaços interiores do edifício a norte por terceiros, familiares dos proprietários, que serviram de base para os desenhos técnicos do existente, para além do levantamento topográfico adquirido e levantamento de fachadas realizado pela autora. Resumindo, a maior prioridade tida em consideração foi a importância do espaço para a comunidade, seguindo-se a integração do programa intergeracional e a sua necessidade na aldeia e, por fim, a forma como ambos se conjugam.

Com este plano de intervenção em Pêro Viseu, prevê-se não só uma solução positiva para um espaço urbano e um edifício abandonados e esquecidos pelos proprietários e habitantes no geral, como também oferecer um conjunto de valências em falta na aldeia. A proposta de projeto consiste em tornar este local num ponto de encontro para os habitantes da localidade, sendo eles naturais ou novos estrangeiros agora residentes, numa forma de ligação e compreensão destes diferentes grupos, e de integração dos

turistas no ambiente. Sem esquecer a sua componente prática e de utilidade aos habitantes, este espaço pretende ser agradável e atrativo à sua utilização.

Sem deixar escapar a memória do que foram os edifícios do caso, pretende trazer-se à comunidade os serviços que existiam no passado como a padaria e o café com esplanada, e outros que acompanhem as novas necessidades que inevitavelmente surgem com o tempo e que não existiam nessa altura. Desta forma, projetando esta dinâmica para o centro urbano, prevê-se o reaparecimento do ambiente vivo e de comunidade que existia anteriormente e, no geral, um aumento da qualidade de vida que depende não só da melhoria de conforto e condições do espaço, como também do crescimento das atividades culturais, sociais e económicas, com maior relevo para o comércio e o artesanato locais. (Carta de Lisboa, 1995)

Na proposta de intervenção, o local e a memória das vivências nele passadas são o ponto fulcral. O casario por si não tem grande relevância no presente ou passado da aldeia e, assim, procura-se uma reabilitação da essência do espaço do largo no geral, e não tanto da construção. Pretende-se o aproveitamento de um edificado que ocupa um espaço com muito potencial, que está abandonado e sem qualquer utilização prática, e torná-lo num espaço vivido. A intenção principal da proposta é então retirar a conotação negativa que, de certa forma, este edificado atualmente traz ao que é o largo principal e de entrada da aldeia e devolver à população a energia ativa e convidativa para o largo.

A Casa das Gerações é assim a ideia de um projeto que traz um novo enquadramento e significado ao Largo do Chafariz. Não se pretende assim salvaguardar a construção existente, mas sim tornar o espaço que esta ocupa num espaço adaptado ao conceito e programa pretendidos para a população, que não deixe de respeitar a linguagem da envolvente.

A composição tradicional do largo e de toda a aldeia no geral é um princípio a manter nesta nova construção que, apesar de se propor a trazer um espaço mais atualizado à população que acompanhe as funções, estrutura e materialidades mais recentes, não quer corromper a linguagem pré existente que se afirma no espaço, pois pode alterar negativamente a perceção urbana e as rotinas da comunidade residente, principalmente dos mais velhos. Sendo este um conceito de um espaço intergeracional, este deve ser acolhedor a pessoas de todas idades, para que se sintam assim bem-vindas a entrar e a ficar no mesmo. Um edifício com um estilo muito contemporâneo, com materiais e formas inabituais à população comum vai afastar as gentes mais antigas, que, como foi concluído pelas conversas com alguns residentes da aldeia, se sentem excluídas e

desconfortáveis ao passar por ou entrar em espaços que apresentem um ambiente muito diferente ao qual estão habituados. Assim, uma construção com elementos reconhecidos por todos, como as coberturas tradicionais, os materiais como a pedra e a madeira, vai representar um espaço acolhedor tanto para os mais jovens como para os mais velhos.

É proposta a demolição estratégica de uma parte da construção antiga, sendo que esta é uma sugestão recorrente há alguns anos pela população e aceitável na visão da autarquia local. Esta decisão nasce não só da necessidade de libertar o largo do grande volume e peso que este bloco representa, como também, e principalmente, pelos problemas de desenho dos interiores e a grande degradação dos elementos e estrutura detetada. Com treze diferentes lajes, de pequenas áreas e independentes entre si, que criam com elas treze diferentes patamares, em cotas diferentes que acompanham a inclinação das ruas, umas acessíveis apenas pelo exterior e outras por acessos interiores, a composição encontrada não é compatível com a necessidade de espaços abertos e ligados entre si, em patamares únicos. O plano proposto, que afeta a construção orientada para o largo, cria um espaço aberto complementar, recuando assim a entrada principal do edificado, focando-a e dando-lhe mais destaque. Este espaço ao qual foi atribuída uma nova forma, mais pequena, mais regular e que segue as linhas de contorno da construção demolida, acrescenta o largo e oferece-lhe uma maior função, não só de distribuição da circulação como de comunicação de espaços e pessoas, de lazer e de convívio. A decisão de se salvaguardarem as paredes de pedra granítica deve-se a estas serem consideradas um elemento muito característico do local. Toda a curva que a parede desenha ao longo das ruas, percorridas pelas pessoas que passam no centro da aldeia, representa não só um componente de fluidez da circulação como também uma particularidade do espaço, que o distingue e que sugere uma “base” construtiva e de vestígio material da construção mais antiga do casario, erguida há mais de cem anos.

Para as formas finais pretendidas, um acrescento na construção no lado Oeste foi projetado para oferecer área útil e regularidade a ambos os espaços, interior e exterior.



Figura 23 - Esquema do antes e depois da composição do espaço do casario.

A proposta de projeto, adaptada do modelo universal estabelecido, consiste, para além de alguns arranjos e melhorias no largo, em uma área aberta de ampliação do mesmo, para uma essência de centralidade urbana, que se torna a entrada para a Casa das Gerações e que toma como ponto caracterizador o Chafariz dos Burros, que se manterá original; e na construção erguida, que será composta por duas estruturas principais, exploradas de seguida.

### 7.3.1 Área Construída – Programa e Funcionalidade

As áreas dos elementos construídos são relativamente pequenas. Dessa forma, foi dada prioridade a um programa mais reduzido e com algumas cedências, verificadas no espaço de biblioteca, por exemplo. Com uma das estruturas com uma área útil de cerca de 40m<sup>2</sup> e a outra defronte com cerca de 70m<sup>2</sup> por piso, a Casa das Gerações é composta por espaços rentabilizados, funcionais e sem áreas mortas.

Os dois núcleos construídos principais distinguem-se pela função: cultural e de serviços.



Figura 24 - Corte esquemático das zonas principais da proposta.

Um núcleo abrange, no piso térreo, espaços de oficina e exposição reservados diretamente para a comunidade, para a produção, partilha e comercialização do artesanato local. No piso 1, existe uma pequena biblioteca com zona de estudo, pensada tanto para crianças como para os mais velhos, residentes e visitantes, podendo até existir projetos de universidade sénior, explicações ou workshops, pensados para uma boa utilização do espaço considerando a reunião e comunicação interpessoal.

O outro núcleo, defronte do anterior, abrange, para este contexto específico, uma área de café e pastelaria, que se distribui por ambos os pisos, e que assume uma valência em falta na aldeia.

No caso, a necessidade de um espaço multiusos não é reconhecida, devido à existência de um na aldeia, com boas condições e utilizado regularmente para espetáculos, aulas e eventos privados.

As duas estruturas principais são apoiadas por instalações sanitárias comuns, implantadas num piso inferior subterrâneo e acessíveis pelas escadas situadas em uma das estruturas e pelo elevador exterior, que possibilita à fácil mobilidade. Estas instalações sanitárias servem não só os utilizadores de todos os espaços interiores como também quem se encontra no espaço exterior público, de forma direta. O piso subterrâneo abrange igualmente as áreas técnicas e de arrumos de uso exclusivo dos funcionários do complexo.

### 7.3.2 Área Construída – Aspetos Construtivos

Estrutura e paredes: A composição estrutural do edificado consiste na utilização de painéis CLT<sup>12</sup> de madeira de pinho, não só pela sua resistência, como também pela sua versatilidade, facilidade de montagem, qualidades isolantes e vantagens ambientais. São pensados para a estrutura das lajes interiores, paredes interiores, da cobertura, das paredes exteriores e utilizados nos pequenos remates em madeira das fachadas. O suporte vertical das paredes envidraçadas é garantido por perfis de aço, que garantem um sistema estrutural leve.

---

<sup>12</sup> Painéis CLT – *Cross Laminated Timber* – consistem em painéis maciços formados por camadas de madeira colada cruzadas, adequados à aplicação em paredes, pavimentos e coberturas como elemento estrutural e que pode também servir de acabamento, sem qualquer revestimento. Atualmente, destaca-se pelas suas qualidades térmicas, de durabilidade e estabilidade, sustentabilidade e facilidade de montagem e instalação, por serem pré-fabricados, e é um material cada vez mais utilizado na Europa. (Jular, s.d.)



Figura 25 - Construção em CLT: (a) Exemplo de estrutura completa feita em CLT numa escola na Finlândia; (b) Parede CLT em corte.

#### Acabamentos exteriores:

Paredes: A apresentação visual do edificado pretende remeter a três elementos principais: a pedra, a madeira e a natureza. As fachadas que contornam a construção são as pré-existentes, em pedra granítica, com as suas aberturas mantidas e são complementadas com paredes revestidas em lambris de madeira de pinho e com novas paredes cortina com vidro triplo de baixa emissão e caixilharias em alumínio. Nas novas paredes exteriores, na separação entre os dois pisos, estão colocados canteiros contínuos em madeira de pinho, com devida impermeabilização, com plantas naturais com o propósito de uma interação visual com o utilizador que se encontre ora no interior ora na zona exterior do edificado.



Figura 26 - Exemplo de canteiros na fachada.

Cobertura: A cobertura tem a sua estrutura em CLT de madeira de pinho e telha cerâmica lusa, como referência a materiais antigos. Foram projetadas coberturas inclinadas, não só para manter a linguagem mais tradicional como também pela localização do projeto, sendo esta uma região com bastante pluviosidade. No caso, estão pensadas algumas

telhas cerâmicas solares, colocadas estrategicamente, para as coberturas da construção proposta.

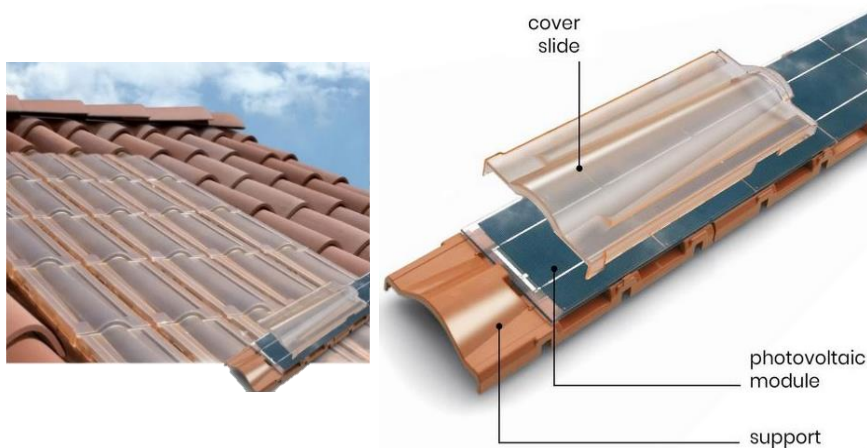


Figura 27 - Composição de telhas solares.

Acabamentos interiores:

Pavimentos: O tipo de pavimento escolhido para os interiores foi, essencialmente, cerâmico, devido à sua resistência e durabilidade e fácil instalação e manutenção, fundamentais em espaços deste tipo.

Paredes: As paredes interiores são revestidas por placas cerâmicas para uma mais fácil manutenção, na zona do café, e com a madeira dos painéis estruturais CLT em vista nos restantes elementos divisórios.

Serralharias/Caixilharias: Todos os trabalhos de serralharia como guardas, escadas e corrimões são em aço galvanizado ou inox e as caixilharias em alumínio nas paredes cortina, janelas e portas deslizantes.

### 7.3.3 Área Exterior – Programa e Funcionalidade

O espaço aberto, que parte de uma intenção de centralidade, convergência e comunicação, não obriga à entrada e utilização do edificado e pretende lembrar um passado não muito distante que pertencia ao “muro”. Este simboliza a entrada da aldeia, onde, nos dois muros que delimitam a estrada principal, eram passadas as noites de verão por inúmeras pessoas, residentes e emigrantes, que se encontravam e tornaram este elemento singular e inabitual num espaço de pleno convívio. Assim, este alargamento do Largo do Chafariz e de entrada na Casa das Gerações, quer ser um novo símbolo do que é Pêro Viseu, tal como era o “muro” no passado, um espaço de encontros, conversas e de serões felizes, reconhecido pela população perovisense.

Esta área pode ainda assim distinguir-se por duas zonas principais diferentes, relacionadas com o Largo do Chafariz, intervencionado.



Figura 28 - Composição das novas zonas exteriores propostas.

A Zona A, que constitui o espaço exterior principal, de onde foi retirada a construção existente, assume um papel de entrada, com escadas e uma rampa que conduzem o utilizador à zona construída de serviços, e é, simultaneamente, uma zona de estar, com bancos, uma insinuação aos “muros”, e elementos verdes em canteiros que conferem um ambiente mais acolhedor e chamativo à sua utilização como espaço de permanência e usufruto e não apenas de acessos.

A Zona B consiste no espaço comum com a pequena esplanada de apoio ao café e a zona de entradas e saídas para este, para a área de escadas, para a zona de oficinas e exposições e para o elevador exterior que garante acesso a todos os pisos. Esta área distingue-se pela existência de uma imponente fachada verde em toda a altura da parede de pedra que acompanha o elevador que, sendo maioritariamente em vidro, permite uma transparência e comunicação visual entre o elemento verde e os utilizadores que se encontrem em qualquer parte do edificado ou mesmo na zona A ou no largo.



Figura 29 - Representações 3D das novas zonas exteriores propostas.

Como referido anteriormente, são sugeridos alguns arranjos na parte existente do Largo do Chafariz, de modo a oferecer elementos que melhorem a utilização do mesmo, com mais conforto. A colocação de mobiliário urbano com a mesma linguagem material e de forma dos elementos do projeto construído proposto, para uma integração do espaço da Casa das Gerações, do novo espaço exterior (Zonas A e B) e o espaço já existente como um todo, é uma estratégia. Fazem parte desta, a colocação de um banco complementar aos já referidos da zona A, de alguns caixotes do lixo e canteiros que partiram da pré-existência de outros, nos edifícios envolventes, e que trazem mais elementos verdes naturais para o ambiente.

De forma a conseguir um maior controlo do tráfego de veículos no largo, é sugerida a alteração da faixa de rodagem e das vias de trânsito, passando a ser possível apenas um sentido de circulação, tornando esta numa via de sentido único, delimitada por pilaretes. O estacionamento encontra-se atualmente indefinido, razão pela qual são colocados os carros de forma desregrada, habitualmente encostados aos edifícios que compõem o largo. São também assim sujeitos a alterações, ficando disponíveis e marcados dois espaços pensados, sobretudo, para os residentes do prédio existente. Considerando o estilo de vida mais sustentável que se pretende implementar na atualidade e que é adequado ao caráter rural da aldeia, estão propostos estacionamentos para bicicletas a utilizar por toda a população.



Figura 30 - Representações 3D das intervenções ao Largo do Chafariz.

A iluminação pública existe, é adequada e está em funcionamento e é então apenas sugerida a atualização dos candeeiros existentes e a colocação de novas fontes de luz incorporadas nos pilaretes, nos bancos exteriores e fachadas da Casa das Gerações.

#### 7.3.4 Área Exterior – Aspetos Construtivos

Para uma ideia de prolongamento da via pública, o percurso exterior das zonas A e B é em calçada, assim como as escadas e rampa, continuando a linguagem da materialidade do pavimento existente das ruas envolventes. Os espaços de bancos exteriores são em pedra granítica, por ser uma pedra comum na região e por pretender reproduzir o “muro”, anteriormente referido, deste material e é rematado por assentos em madeira de pinho, devidamente impermeabilizada, para maior conforto dos utilizadores. Os elementos verdes propostos consistem em pequenos espaços de relva natural com árvores autóctone de pequeno porte, arbustos e flores, em canteiros de madeira de pinho.

### 7.3.5 Aplicação de Estratégias Sustentáveis

A sustentabilidade do edifício, partindo do respeito pela ligação da comunidade com o meio ambiente, sendo Pêro Viseu uma aldeia de carácter rural, com uma obra pouco intrusiva no espaço, pode ser conseguida pela utilização de técnicas e materiais atualizados e mais sustentáveis. Com base nos conceitos de sustentabilidade na reabilitação e requalificação abordados, é clara a necessidade da análise mais aprofundada destas técnicas e materiais no caso prático. (António Martins, 2014)

Uma das questões consideradas traduz-se na gestão do consumo de energia. Assim, uma solução consiste em utilizar sistemas que forneçam energia ao edifício através de fontes renováveis e emitam poucos gases nocivos para a atmosfera. Desta forma, os edifícios podem obter energia tanto por estratégias ativas, como a energia por biomassa, eólica, geotérmica, solar térmica e solar fotovoltaica, como por estratégias passivas. (António Martins, 2014)

Pelas estratégias ativas, no caso prático, será utilizada a fonte solar como fonte energética, devido às características do local não serem adequadas ao aproveitamento de outras alternativas. A energia solar pode ser utilizada para aquecimento das águas por sistemas solares térmicos e para fornecer eletricidade aos edifícios por sistemas solares fotovoltaicos e consegue reduzir em 70% o consumo de energia. Portugal é um dos países europeus com maior potencial de aplicação de sistemas solares, sendo que, para além de ter uma boa exposição solar e receber até o dobro da energia solar que consome, tem uma grande dependência energética. (António Martins, 2014) A utilização da energia solar é sustentável e uma boa opção ambiental devido a ser inesgotável, económica, limpa e renovável. Apesar de ser obrigatória a sua implementação nas novas construções, atualmente, esta é também uma boa estratégia com potencial para requalificações, como a proposta de projeto. (António Martins, 2014)

Propõe-se a utilização de ambos os sistemas solares, térmicos e fotovoltaicos para conseguir garantir tanto o aquecimento das águas do edificado como o seu fornecimento de eletricidade. Os sistemas solares térmicos utilizam a temperatura do Sol para aquecer a água da rede num reservatório do edificado, criando uma alternativa de energia produzida interiormente e renovável, ao contrário da energia fóssil. Os sistemas solares fotovoltaicos captam a energia solar e transformam-na em energia elétrica e apresentam uma grande vantagem ao ter uma montagem e manutenção fáceis e conseguir armazenar a energia gerada.

Cada vez mais se pretende evitar a colocação de grandes painéis solares nas coberturas ou em estruturas instaladas diretamente sobre o solo, sem qualquer planeamento, que quebram a estética e linguagem dos edifícios. Atualmente existem inúmeros exemplos, resultantes da tentativa de incorporar os sistemas solares nos elementos construtivos exteriores, designados por BIPV<sup>13</sup> que não só pensam na estética do edifício como são produtores de energia limpa e são materiais de construção que oferecem retorno sobre o investimento. No caso, estão pensadas telhas solares para as coberturas do edificado, um sistema que é já explorado por várias empresas e comum em vários países da Europa, com diversos modelos, materiais e cores.<sup>14</sup> Consiste em telhas cerâmicas de formas, de algum modo, convencionais, que possuem células fotovoltaicas embutidas, já referenciadas na subsecção 7.3.2. (Reis, 2018)

Existem também estratégias passivas, que aproveitam os fluxos naturais dos elementos climáticos para aquecer, arrefecer, ventilar e iluminar os edifícios. Os fatores dos quais as estratégias passivas mais tiram partido são a localização e a forma do edifício. (António Martins, 2014) O edificado do caso prático do trabalho está localizado numa zona protegida de ventos, visto estar rodeado de outras construções altas, o que faz também com que apanhe mais sombra ao longo do dia, questão esta que consegue ser contornada pela altura a atribuir aos elementos do edificado e pela materialidade. Relativamente à sua forma, as paredes exteriores pré-existentes em pedra e com poucas aberturas não serão removidas, porém, a parte do edificado rebocada será retirada, criando não só uma total abertura à entrada de luz de um dos lados, como também um caminho para entrada e saída de fluxos de ar.

Esta subtração da área pré-construída foi uma das principais razões que levou à escolha do vidro para os elementos da nova intervenção, que resolve não só o valor estético, como a questão da climatização e iluminação, pois é um material com transparência que possibilita uma iluminação natural total pela sua área e traz uma maior economia energética, existindo uma grande variedade de opções de autolimpeza, controlo da incidência e isolamento. (Portal da Construção Sustentável, s.d.) Os vãos envidraçados,

---

<sup>13</sup> BIPV designa o termo *Building-Integrated Photovoltaics* ou Sistemas Fotovoltaicos Integrados aos Edifícios, que representa a integração dos painéis solares como parte da estrutura de um edifício, substituindo materiais construtivos convencionais. Estes elementos podem ser janelas, telhas em coberturas, claraboias ou até mesmo partes das fachadas como *brises* e varandas. (Reynaers Aluminium, s.d.)

<sup>14</sup> Como exemplos de empresas de destaque nos sistemas de telhas fotovoltaicas, a italiana *Area Industrie Ceramiche* desenvolveu o produto *Tegola Solare* que foi já aplicado em Portugal e a *Invent* desenvolveu o *Techtile*, ambos com telhas tradicionais em barro.

de baixa emissão, são ideais para um bom controlo de radiação captada para o interior, criando um sistema de ganhos diretos. Com a aplicação de elementos de isolamento térmico para a noite, como persianas, este sistema consegue ser ainda mais eficaz. (Moita, 2010 como referido em António Martins, 2014)

O edificado do caso prático tem a sua entrada virada para Noroeste e as suas paredes pré-existentes inalteradas estão viradas para Sudoeste e Este/Nordeste. Assim, conclui-se que o edificado está “de costas” para a direção com maior exposição solar, fator que será contornado com estratégias de iluminação e climatização apropriadas e adaptadas ao espaço e às funções que ele pretende exercer. A fachada a Sudoeste, por exemplo, é muito afetada pela sombra provocada pelos edifícios circundantes logo, a radiação solar terá de ser trazida de Este. É recomendado que a Sul sejam colocados os espaços principais, de utilização mais frequente, enquanto que a Norte estejam os espaços secundários. Assim, a face Sudoeste do edificado suportará o espaço de exposição, oficinas e biblioteca, e a face Este/Nordeste suportará o espaço de café / pastelaria, que tem uma essência de estadia mais passageira. Não esquecendo a qualidade do vidro e das caixilharias escolhidos para o projeto, que são, no caso, de folha tripla e de baixa emissão com caixilharias de alumínio, que evitem desperdícios energéticos e garantam o conforto interior. (Jardim, 2009 como referido em António Martins, 2014)

É também significativa como estratégia de sombreamento e regularização das condições climatéricas, a presença de árvores e arbustos de folha caduca, que no Verão criam sombra e no Inverno, pela falta de folhagem, deixam passar os raios solares, permitindo um maior aquecimento. (Tirone e Nunes, 2010 como referido em António Martins, 2014) Desta forma, pretende-se colocar algumas árvores na zona de entrada / largo para criar espaços, não só de contacto com a natureza, como de sombra e também uma parede verde no pátio do edificado, que acompanha o eixo do acesso vertical, que, apesar de ser um elemento de proteção térmica, neste caso terá um maior impacto no valor estético do espaço.

Sobre as estratégias de ventilação natural, a localização, geometria e tipo de aberturas dos vãos e a escolha dos modelos de janelas e portas são os aspetos a considerar, para garantir a boa qualidade do ar e humidade interiores. (Moita, 2010 como referido em António Martins, 2014) Numa requalificação, como é o caso a aplicar, a substituição das janelas antigas por modelos recentes significa um maior controlo das infiltrações de ar, para além das trocas térmicas entre o exterior e o interior. (Sampaio, 2011 como referido em António Martins, 2014) As janelas que envolvem o espaço construído serão oscilo-

batentes para auxiliar a circulação de ar. A fachada a sudoeste, de extensão à parede de pedra existente é uma fachada ventilada, ideal para um maior controlo térmico do edifício pela câmara que se cria entre o revestimento, em lambris de madeira, e o isolamento, que possibilita a circulação contínua de ar e, assim, evita também acumulações de humidade. (Portal de Arquitetura e Construção Sustentável, s.d.)

Na proposta de projeto, apesar de ser possível, a reutilização das águas não será uma estratégia de sustentabilidade a aplicar, devido, maioritariamente, aos seus custos não serem justificados pelos poucos equipamentos sanitários e o pouco espaço disponível para os trabalhos de construção. A sustentabilidade hídrica cabe assim aos utilizadores através de uma utilização racional das águas.

Relativamente à escolha dos materiais a utilizar, importante para uma construção e, no caso, uma requalificação amiga do ambiente, há que atender a materiais duráveis, eficazes, reciclados, renováveis, certificados e locais. Materiais como madeiras certificadas, acartonados e cortiça que são renováveis e o vidro, metais e plásticos que são reciclados, foram escolhas para o projeto prático, exploradas anteriormente. (Jourda, 2012 como referido em António Martins, 2014)

A escolha dos painéis CLT representa uma proposta sustentável. Não só a madeira é um recurso renovável e um sequestrador de dióxido de carbono, como as suas construções são recicláveis. A produção destes painéis consome muito menos energia que outros materiais estruturais como o betão ou aço, não requer a queima de combustíveis fósseis e gera poucos resíduos, que podem ser reutilizados para a produção de elementos arquitetónicos mais pequenos como escadas. (Dias, 2018)

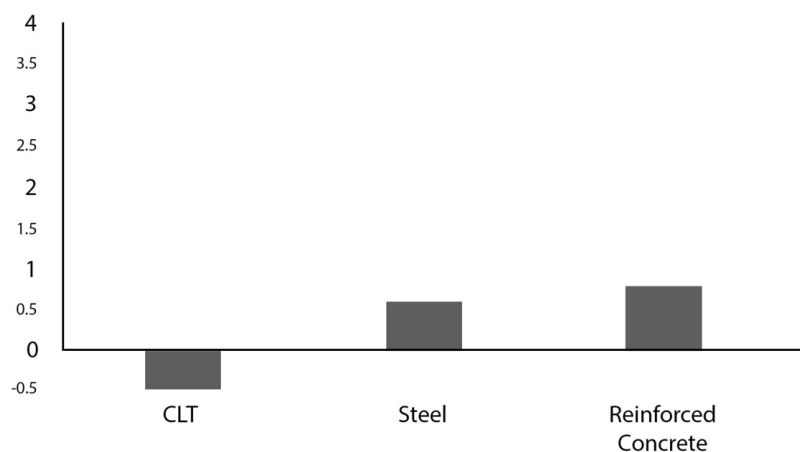


Figura 31 - Esquema gráfico do consumo de energia (GJ/m<sup>2</sup>) da produção de diferentes métodos construtivos.

Constitui igualmente uma boa solução construtiva sustentável pela possibilidade de uma obra rápida que não exige uma grande mão de obra ou utilização de materiais, sendo que os elementos podem ficar expostos, sem revestimentos, e pela sua eficiência energética, garantido um bom isolamento<sup>15</sup> e eficácia contra perdas de energia, pela construção livre de pontes térmicas. (Tisem, 2014) Sendo produzidos apenas por madeira e adesivos não-tóxicos, garantem também a qualidade do ar interior dos edifícios e, assim, o conforto dos utilizadores. (Dias, 2018)

Considerando-se a demolição como definitiva na proposta, é pretendida, como estratégia para assegurar a sustentabilidade da intervenção, uma demolição seletiva, que produza menos desperdícios, em que são desmontados os elementos, sistemas e materiais construtivos de forma organizada e cuidada e que são, sempre que possível, reutilizados e reciclados. (Addis, 2010 como referido em Martins, Reis & Fabricio, 2019) São diversas as técnicas de demolição, dependentes do local da obra, do tempo projetado para a construção, e dos materiais e elementos presentes, que contrariam o direcionamento dos detritos de obra para os aterros e possibilitam o seu reaproveitamento para a própria construção, para venda ou para reciclagem, por processos de trituração, por exemplo. (Martins, Reis & Fabricio, 2019)

---

<sup>15</sup> Segundo o texto expositivo de José Tomás Franco para o site ArchDaily (2019), para se conseguir o mesmo grau de isolamento de 100 mm de espessura de CLT, seria necessária uma parede de betão de 1,80 m de espessura.

## Capítulo 8

### Conclusão

O campo da reabilitação vem, cada vez mais, a gerar interesse e importância no país, pela grande saturação da construção no mesmo. Esta prática tornou-se assim uma necessidade, ao se apresentar uma solução à degradação e inutilidade das construções antigas existentes. A reabilitação e requalificação de edifícios são então respostas sustentáveis e eficazes para a área da construção, não só por prolongarem o ciclo de vida do edificado, como também por rentabilizar o mesmo, promovendo a sua utilização e aumentando a sua qualidade e por preservar os seus valores culturais, históricos e ambientais. Desta forma, é clara a obrigação por parte do setor da construção em se consciencializar e apresentar competências para intervenções úteis, proveitosas e respeitadoras, adaptadas à realidade atual.

Este trabalho surge, acima de tudo, de uma necessidade eminente num espaço que me pertence e pertence aos que integram as minhas rotinas, os habitantes desta aldeia, Pêro Viseu. A necessidade de um espaço comum, central e acolhedor a todos, principalmente às famílias, às crianças, pais e avós é algo que se sente desde há alguns anos e que é lamentado, durante todo o ano. Surge também, de certa forma, num período de transição, em que Pêro Viseu se compõe de gentes que ainda testemunharam a dinâmica viva daquele largo e dos seus serviços; de jovens que apenas conheceram o atual estado desbotado em que se encontra, apesar de terem alguma noção do seu passado transmitido pelos antecessores; e também novos residentes que se têm instalado na aldeia e que reconhecem o espaço como apenas um local de passagem, sem perceção da sua história e valor de memória. Quer-se assim reunir estes três grandes grupos e fazer surgir uma recordação e compreensão da essência do Largo do Chafariz, que lhe seria devolvida após tantos anos.

O trabalho tem como objetivo apresentar uma solução realista e objetiva a valências em falta na aldeia de Pêro Viseu, e que prontamente se tornou na sugestão de um modelo universal para as aldeias do concelho. O aprofundamento de conhecimentos e análise sobre estratégias de intervenção em edificados antigos, como a reabilitação e demolição, representa também uma meta a alcançar, para uma correta e adequada aplicação no caso prático. Esta partiu do tipo de abordagem adequada, as funções pretendidas, o ciclo de vida, o estado de conservação do edificado e o interesse patrimonial dos seus elementos.

Desta proposta gostaria que surgisse o interesse por parte das entidades autárquicas locais para este espaço específico, para a necessidade de uma intervenção urbanística no mesmo e a consideração pela sugestão aqui explorada. Uma exposição do trabalho à população perovisense seria uma forma de chegar à memória das pessoas, apresentar uma estratégia e uma solução positiva para a aldeia e desencadear iniciativas para trazer de volta um espaço que devolva a vida ao centro urbano.

Com o avançar das ideias relativamente à intervenção no edificado, identificaram-se alguns encalhes relativamente ao mesmo, na forma como se transformaria o espaço. Uma construção mais desproporcional e instável do que se pensava inicialmente, composta por edifícios diferentes, desconectados, de formas e estruturas irregulares, tornaram a demolição parcial e responsável, a resposta mais adequada para o caso. De notar que a decisão partiu da interpelação a vários residentes da aldeia sobre a hipótese deste plano, cuja resposta foi sempre positiva. Esta estratégia permitiu, de certa forma, uma maior abertura ao desenho de um espaço único, atual, enquanto adaptado ao pré-existente, e à possibilidade da conceção de um espaço de vazio, de complementaridade ao largo.

Ao longo da dissertação foi possível observar como conclusão a importância e significado do diálogo e da relação entre pessoas de gerações diferentes que vivem em conjunto, para uma maior harmonia social que foi, até, essencial à recolha de informações para a sua realização. O valor dos lugares de memória e o que representam determinados locais, edifícios e marcas para a construção da identidade de uma comunidade e a importância real da aplicação de estratégias sustentáveis na construção e o impacto das mesmas na salvaguarda ambiental, económica e cultural foram também questões relevantes para o trabalho e aprendizagem.

## Referências Bibliográficas

- ABprojectos. (23 de Fevereiro de 2016). *Reabilitação de Casa Rural em Espiunca /ABprojectos*. Obtido de ArchDaily:  
<https://www.archdaily.com.br/br/782533/reabilitacao-de-casa-rural-em-espiunca-abprojectos>
- Abreu, J. G. (2005). Arte pública e lugares de memória. Em U. d. Porto (Ed.), *Revista da Faculdade de Letras Ciência e Técnicas do Património* (Vol. IV, pp. 215-234). Porto.
- Appleton, J., Aguiar, J., & Reis Cabrita, A. (2002). *Guião de Apoio à Reabilitação de Edifícios Habitacionais*. LNEC.
- As Condições de vida urbana*. (s.d.). Obtido de [www.resumos.net](http://www.resumos.net) › files › condicoesdevidaurbana
- Associação Bandeira Azul da Europa. (s.d.). *Património Natural e Cultural – Conservar o nosso Património é contribuir para a protecção do Ambiente*. Obtido de Bandeira Azul:  
<https://bandeiraazul.abae.pt/plataforma/index.php?p=theme&s=patrimonio>
- Augusto, F., Correia, Í., Oliveira, L., Magalhães, M., Alberto, P., Nuremberg, R., & Caires, T. (20 de Junho de 2016 ). *Henri Lefebvre na Geografia*. Obtido de SlideShare: <https://pt.slideshare.net/MagnusMagalhaes/henri-lefebvre>
- Barros, J. M. (2013). *Projeto de Reabilitação Urbana - Eco Aldeia Cabeço Monteiro (Idanha-a-Nova)*. Dissertação de Mestrado, Universidade da Beira Interior, Faculdade de Engenharias - Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura.
- Batalha, R. N. (2017). *Requalificação Urbana no âmbito da melhoria da Acessibilidade e da Mobilidade - Caso de Estudo: Largo da Igreja de Benfica*. Relatório de Estágio Curricular, Instituto Superior de Engenharia de Lisboa, Área Departamental de Engenharia Civil.
- Benjoi, C. (10 de Junho de 2012). *O que é o património cultural? Patrimônio histórico? Patrimônio ambiental ou natural?* Obtido de Slide Share:  
<https://pt.slideshare.net/benjoinohistoria/o-que-patrimnio-conceitos-e-definies>
- Biography.com Editors. (1 de Abril de 2014). *Roland Barthes*. Obtido de Biography :  
<https://www.biography.com/people/roland-barthes-36995>
- Bressler, J., Henkin, N. Z., & Adler, M. (2005 ). *Connecting Generations, Strengthening Communities - A toolkit for intergenerational program planners*. Philadelphia: Temple University Office of Publications .
- Câmara Municipal da Sertã. (8 de Abril de 2016). Município inaugura espaços ligados à história e aos ofícios. *Sertã Município*. Obtido de [https://cm-serta.pt/noticias/464-inauguracao-ciar-numoas-2016?fbclid=IwAR0H3eVvKHKVD\\_udT1bKCUJW1DvYXvbHLB7U\\_Oa7g7xVoioeSXFxgbpErSk](https://cm-serta.pt/noticias/464-inauguracao-ciar-numoas-2016?fbclid=IwAR0H3eVvKHKVD_udT1bKCUJW1DvYXvbHLB7U_Oa7g7xVoioeSXFxgbpErSk)
- Câmara Municipal de Lisboa. (1995). *Carta da reabilitação urbana integrada - Carta de Lisboa*. Lisboa.
- Casa do Paúl. (s.d.). *Casa do Paúl*. Obtido de Casa do Paúl:  
<https://casapaul.wordpress.com/casapaul/>
- Cerveira, M. (1990). *Os elementos verdes nos aglomerados urbanos*. Coimbra: Comissão de Coordenação da Região Centro.
- Cini, L. (16 de Fevereiro de 2010). *Intergenerational buildings: Adding childcare to your facility*. Obtido de I Advance Senior Care:  
<https://www.iadvanceseniorcare.com/blogs/b8ce538829ca4b0d86526f8009d5c8ff/intergenerational-buildings-adding-childcare-your-facility>

- Coutinho, M. d. (2010). Sociedade contemporânea e a problemática do envelhecimento : a importância da solidariedade intergeracional. *Intervenção Social*(36), pp. 27-34.
- Delgado, M. J. (2008). *A Requalificação Arquitectónica na Reabilitação de Edifícios. Critérios Exigências de Qualidade; Estudo de casos*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto.
- Dias, A. (8 de Abril de 2018). *Madeira Laminada Colada Cruzada (CLT) : Produção e Desenvolvimento*. Obtido em Novembro de 2019, de Carpinteria: <https://carpinteria.com.br/2018/04/08/madeira-laminada-cruzada-clt/>
- Durden, T. (7 de Março de 2018). *Step Aside Millennials: Here Comes Generation Z*. Obtido de Zero Hedge: <https://www.zerohedge.com/news/2018-07-01/step-aside-millennials-here-comes-generation-z>
- Faria, N. (14 de Junho de 2019). *Portugal perdeu 14,4 mil habitantes no ano passado*. Obtido de Público: <https://www.publico.pt/2019/06/14/sociedade/noticia/portugal-perdeu-144-mil-habitantes-ano-passado-1876399>
- Ferreira, P. N. (2011). *Programa de Recuperação de Aldeias Históricas em Portugal - Um balanço*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Fortuna, C., & Leite, R. P. (2009). *Plural de Cidade: Novos Léxicos Urbanos*. Coimbra: EDIÇÕES ALMEDINA. SA.
- Franco, J. T. (Agosto de 2019). *Is Cross-Laminated Timber (CLT) the Concrete of the Future?* . Obtido de ArchDaily: <https://www.archdaily.com/922980/is-cross-laminated-timber-clt-the-concrete-of-the-future>
- Gilson, J. M. (25 de julho de 2016). *Intervenções urbanas: renovação, requalificação e revitalização*. Obtido de Arquitectura · História · Património: <https://arquiteturahistoriaepatrimonio.wordpress.com/2016/07/25/intervencoes-urbanas-renovacao-requalificacao-e-revitalizacao/>
- Goff, J. L. (1988a). História e Memória. Em J. L. Goff, *História* (Vol. 1). Enciclopédia Einaudi.
- Great KIDS make Great Communities. (s.d.). *Building Intergenerational Relationships*. Obtido de Great KIDS make Great Communities: <https://www.greatkidsallencounty.org/resources/building-intergenerational-relationships/>
- Gulbenkian, F. C. (2018). 1.O que é uma geração? *Desafios Sobre Justiça Intergeracional*.
- Haverkort, L.-O., & van der Zwaluw, H. (2012). *Trialetics*. Obtido de The Human Geography Knowledge Base : <http://geography.ruhosting.nl/geography/index.php?title=Trialectics>
- Integrated Management Business Solutions. (Fevereiro de 2018). *AnáliseSWOTna Gestão de Projetos*. Obtido de IMBS: <http://imbs.pt/wp-content/uploads/2018/02/An%C3%A1lise-SWOT-na-Gest%C3%A3o-de-Projetos.pdf>
- Jacques Le Goff. (23 de Fevereiro de 2019). Obtido de Wikipédia : [https://pt.wikipedia.org/wiki/Jacques\\_Le\\_Goff](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jacques_Le_Goff)
- Jorge, P. F. (2007). O Novo Passado. *Arquitetura Ibérica [RE]\_HABITAR*, 10-19.
- Jular. (s.d.). *Painéis CLT*. Obtido de Jular Madeiras: <https://www.jular.pt/files/pdfs/88/Paineis-clt-madeira-lamelada-cruzada.pdf>
- Junta de Freguesia de Pêro Viseu. (2015). *História*. Obtido de Junta de Freguesia de Pêro Viseu: <http://www.jf-peroviseu.com/index.php/historia>

- Junta de Freguesia de Pêro Viseu. (2015). *Pêro Viseu em números*. Obtido de Junta de Freguesia de Pêro Viseu: <http://www.jf-peroviseu.com/index.php/a-freguesia>
- L., D. (23 de Março de 2007). *Actor-Network Theory (ANT)*. Obtido de Learning Theories: <https://www.learning-theories.com/actor-network-theory-ant.html>
- Lefebvre, H. (1991). *A produção do espaço*. Oxford: Blackwell.
- Magalhães, V. F. (2016). *Manutenção e Reabilitação Sustentável de Edifícios*. Dissertação de natureza científica para obtenção do grau de Mestre em Engenharia Civil na área de Especialização de Edificações, Instituto Superior de Engenharia de Lisboa, Lisboa.
- Martins, A. C. (2014). *A construção de um lugar de memória*. Dissertação/relatório/Projeto/IPP 2º Ciclo de Estudos em História e Património – Mediação Patrimonial, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- Martins, A. P. (2014). *A Sustentabilidade na Reabilitação do Edificado*. Dissertação de Mestrado em Engenharia Civil, Universidade Fernando Pessoa, Porto.
- Martins, A. S., Reis, D. C., & Fabricio, M. M. (Abril/Junho de 2019). Diretrizes para o planejamento de uma demolição seletiva em edifícios. *Interações*, pp. 487-507.
- Martins, R. N. (2013). Geo-Working papers . *Narrativas de lugar e memória: a importância de crescer o espaço na identidade do sujeito*.
- Monteiro, J. A. (1974). *Término Augustal no Concelho do Fundão (Peroviseu)*. Lisboa: União Gráf.
- Moreira, G. (2007). *Requalificação Urbana - Alguns Conceitos Básicos*. Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa.
- Moreira, M., Camarinhas, C., & Paulo, L. (2003). *Património Rural em Portugal*. Projeto de Investigação, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.
- Nieto, H. A., & De Souza, M. R. (2014). Simbiose Urbana: O Espaço Público Intergeracional. *XI Simposio de la Asociación Internacional de Planificación Urbana y Ambiente*. La Plata.
- Nora, P. (1984). *Les lieux de mémoire*. (Y. A. Houry, Trad.) Paris : Editions Gallimard.
- Oakeshott, M. (1933). *Experience And Its Modes*. Cambridge University Press.
- Paiva, J. V. (2002). Enquadramento Legal da Actividade de Conservação e Reabilitação de. *Cursos sobre Conservação e Reabilitação de Edifícios Recentes*. Lisboa : LNEC.
- Patrício, H. (8 de Janeiro de 2017). *Geografia 11.º Ano – Reabilitação Urbana, Requalificação Urbana, Renovação Urbana*. Obtido de Apontamentos Na Net: <https://www.apontamentosnanet.com/geografia-11-ano-reabilitacao-urbana-requalificacao-urbana-renovacao-urbana/>
- Pensamento Verde. (9 de Abril de 2014). *Pensamento Verde*. Obtido de Nosso futuro em comum: conheça o relatório de Brundtland: <https://www.pensamentoverde.com.br/sustentabilidade/nosso-futuro-em-comum-conheca-o-relatorio-de-brundtland/>
- Pereiro, X. (2006). Património cultural: o casamento entre património e cultura. Em *ADRA n.º 2. Revista dos sócios do Museu do Povo Galego* (pp. 23-41).
- Pinheiro, F. S. (2015). *Novos usos de edifícios como forma de reabilitação urbana*. Dissertação de Mestrado, Escola de Direito – Universidade Católica Portuguesa.
- Pinto, L. M. (2017). *Adaptação de património a museus em Lisboa, entre 1994*. Dissertação de Mestrado, Instituto Técnico de Lisboa.
- Pintos, P. (8 de Janeiro de 2020). *Community Hall Lungiarü / SIRS*. Obtido de Archdaily: <https://www.archdaily.com/928604/community-hall-lungiaru->

- sirs?kth=4%2C419%2C423&utm\_medium=email&utm\_source=ArchDaily%20List
- Portal da Construção Sustentável. (s.d.). *Saint-Gobain Glass / Vidro e Sustentabilidade*. Obtido de Portal da Construção Sustentável: <https://www.csustentavel.com/saint-gobain-glass-vidro-e-sustentabilidade/>
- Portal de Arquitetura e Construção Sustentável. (s.d.). *Fachada Ventilada*. Obtido de Portal de Arquitetura e Construção Sustentável: <https://www.csustentavel.com/fachada-ventilada/>
- Portal do Arqueólogo. (s.d.). *Peroviseu*. Obtido de Portal do Arqueólogo: <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=49469>
- Porto Editora. (s.d.). *Henri Lefebvre*. Obtido de Artigos de apoio Infopédia: [https://www.infopedia.pt/\\$henri-lefebvre](https://www.infopedia.pt/$henri-lefebvre)
- Reis, P. (4 de Novembro de 2018). *Telhas solares fotovoltaicas uma aposta no futuro*. Obtido de Portal Energia : <https://www.portal-energia.com/telhas-solares-fotovoltaicas-aposta-futuro/>
- Reynaers Aluminium. (s.d.). *BIPV (construção com fotovoltaicos integrados)*. Obtido de Reynaers Aluminium: <https://www.reynaers.pt/pt-PT/bipv-construcao-com-fotovoltaicos-integrados>
- Rodaway, P. (1994). *Sensuous Geographies: Body, Sense, and Place*. Routledge.
- Rodrigues, S. A. (2014). *O espelho da velhice através da visão de crianças/jovens - meio urbano versus meio rural*. Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Educação - Instituto Politécnico de Castelo Branco.
- Rodriguez, J., & Fortier, T. (2007). *Cultural Memory: Resistance, Faith, and Identity*. University of Texas Press.
- Search Institute. (s.d.). *Our Story*. Obtido de Search Institute : <https://www.search-institute.org/about-us/our-story/>
- Silva, I. C., da Costa, A. A., & Júnior, M. d. (9 de Novembro de 2017). Anais III Seminário Científico da Facig. *Conceito Intergeracional: A viabilidade de sua aplicação nos espaços para convivência entre idosos e crianças*.
- Silva, J. B. (2006). *Fundão - Ecos de um Passado Milenar*. Paços de Ferreira: Héstia Editores.
- Silva, J. C. (1993). *O concelho do Fundão através das memórias paroquiais de 1758*. Fundão: Tipografia do Jornal do Fundão.
- Sousa, I. F. (2016). *Princípios da Reabilitação de Edifícios. Aplicação a casos de estudo*. Dissertação de Mestrado em Engenharia Civil, Instituto Superior de Engenharia de Lisboa, Lisboa.
- Sustentável, C. (Junho de 2011). Entrevista com Alexandre Fernandes – Director-Geral da Agência para a energia. *Construção Sustentável*, pp. 10-15.
- Teiga, S. A. (2012). *As Relações Intergeracionais e as Sociedades Envelhecidas*. Escola Superior de Educação de Lisboa - Instituto Politécnico de Lisboa.
- Tisem. (Outubro de 2014). Construção com Paineis de Madeira "CLT" - Uma Nova Geração de Edifícios. *Inovação e Sustentabilidade na Construção*. Guimarães.
- Vale, T., & Ferreira, M. (1998). *Central Elevatória da Praia / Museu do Fado e da Guitarra Portuguesa*. Obtido de Monumentos: [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=03107](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=03107)

## **Anexos**